

tem uisitandum est b̄ti ioh̄ni baptiste uenerandum caput . quod p̄ manus quondam religiosop. iherosolimitanis horis usq; ad loci h̄c nunc uirator anglici l̄tra sc̄e picta uox defertur . in qua idem caput sc̄issimum a cento monachox choro die noctuq; ueneratur . in numerisq; mculis clarificatur . Quod etiam caput dum deportaretur : mari ⁊ in terra dedit signa innumera . In mari enim uita marina pericula fugauit . ⁊ in terra ut ei⁹ transationis codex referr . quosdam mortuos ad uitam reduxit . uia ppter creditur ueraciter illud ēē capti⁹ precursori⁹ uerandi . Cuius inuentio sexto k̄l matij agitur . tempore arciani principis quando idē precursor duob; monachis lo in quo ei⁹ caput celatum iacente primum reuelauit .

5

Mia sc̄i iacobi in urbe sebniensium beati eu tropu ep̄i ⁊ m̄ris corp⁹ digne pegrinantib; uisitandum est . Sc̄issimam cui⁹ passionē beatus dionisius consoci⁹ ei⁹ . ac parisior p̄ sul . litteris grecis scripsit . ⁊ parentib; sui

Om̄ grecia qui iam in xp̄o credebat ⁊ p manu clementis pp̄ misit . Quam sc̄ilicet passionē constantino olim in scola grecorū . quodam codice passionū plurimorum dñum martarum olim repperi . ⁊ ad decus dñi n̄ti ihu xp̄i ⁊ glōsi martiris eutropij de greco in latinū pro ut potu id . Et ita incip̄t **GUIA DO ESTUDANTE**

Ionistus franco 1996/97 prosopria grecus . reuerentissimo pape clementi salutem in xp̄o . Eutropius

FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto



GUIA DO ESTUDANTE
XVII

Geografia
GERAL

CONSELHO DIRECTIVO
1996

f^*

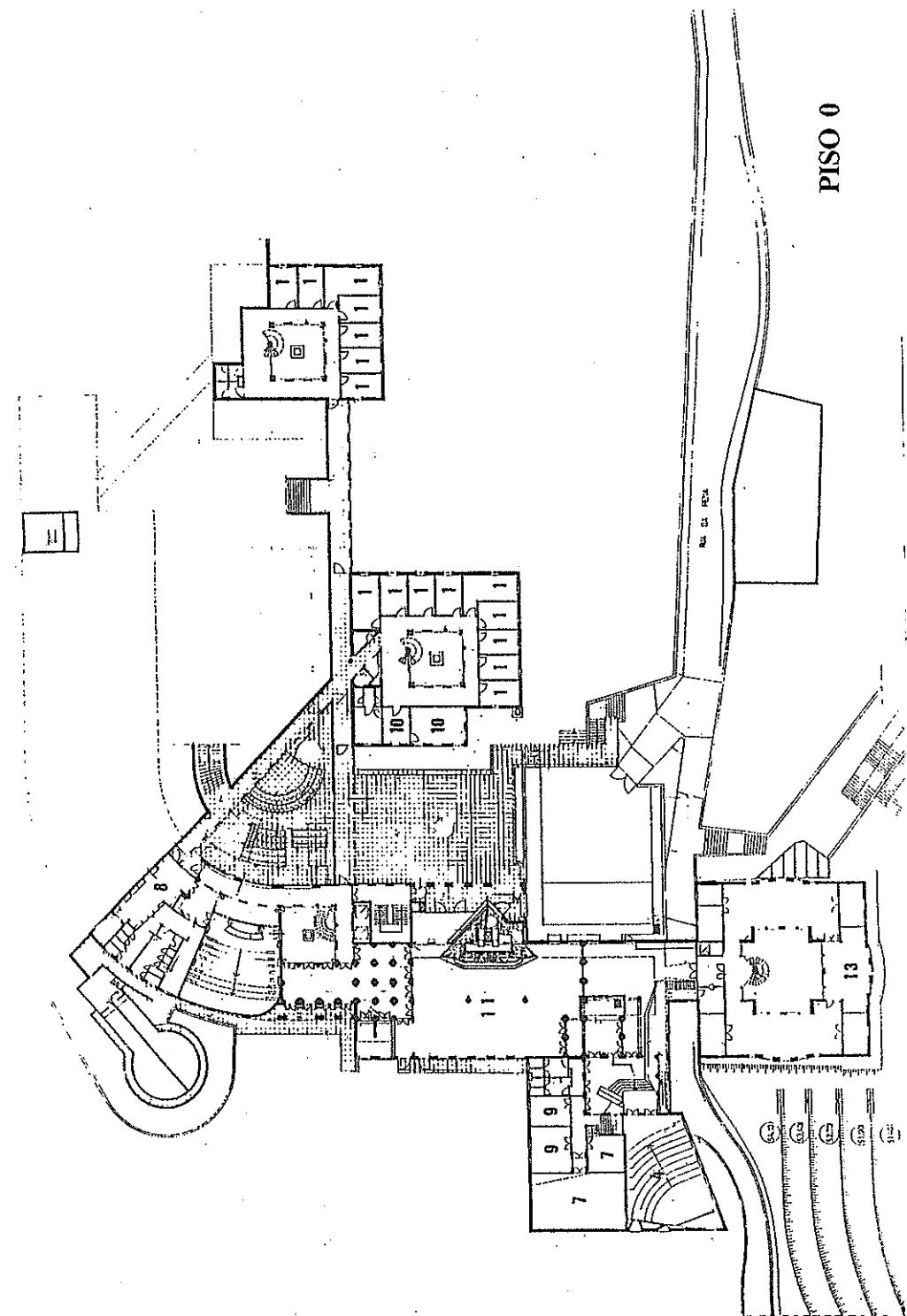
INTRODUÇÃO

L E G E N D A

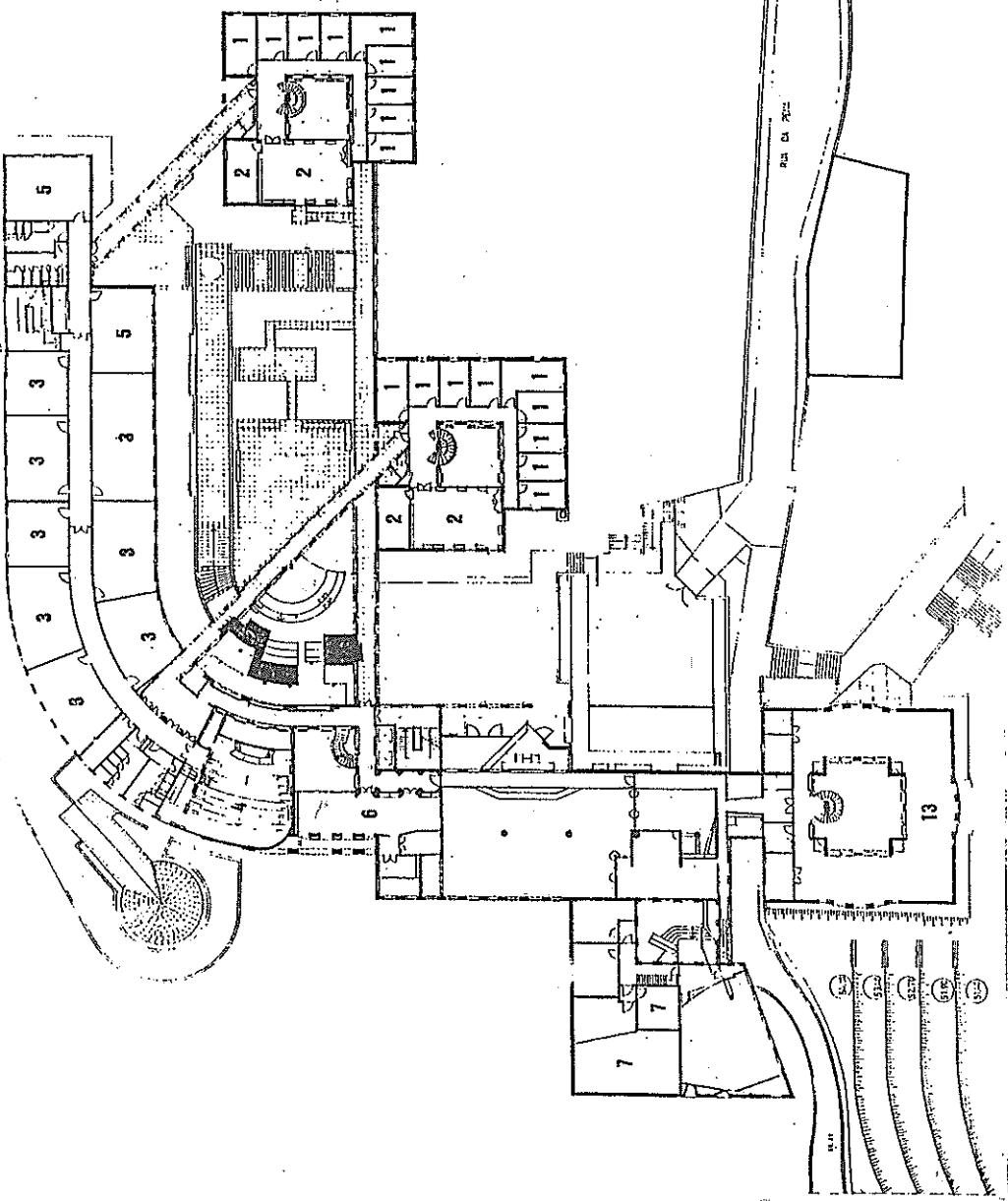
- 1. Gabinetes dos Professores**
- 2. Institutos**
- 3. Salas de Aula**
- 4. Anfiteatros**
- 5. Associação de Estudantes**
- 6. Serviços Administrativos**
- 7. Audiovisuais**
- 8. Livraria**
- 9. Sala de Computadores**
- 10. Sala de Tradução**
- 11. Bar**
- 12. Laboratórios/Áreas de Investigação**
- 13. Biblioteca**

f^*

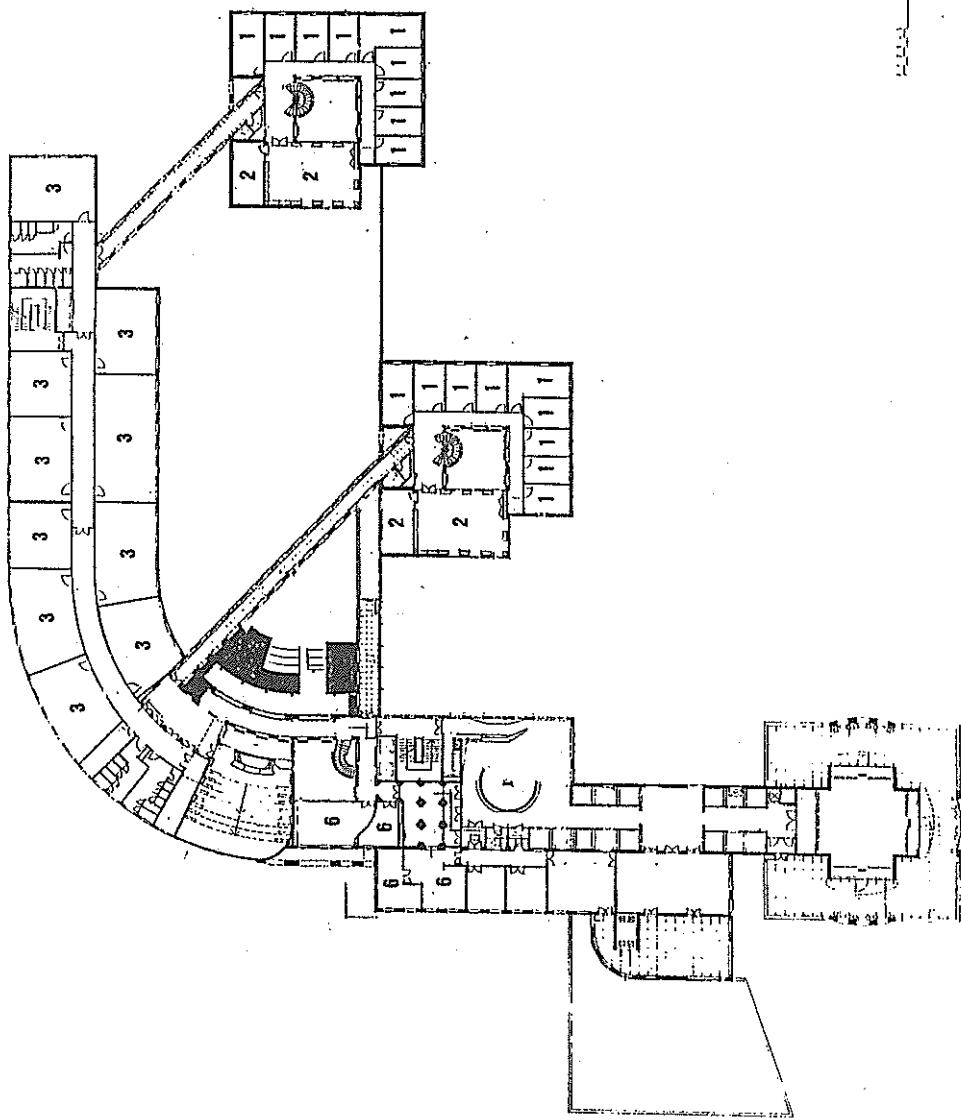
PISO 0



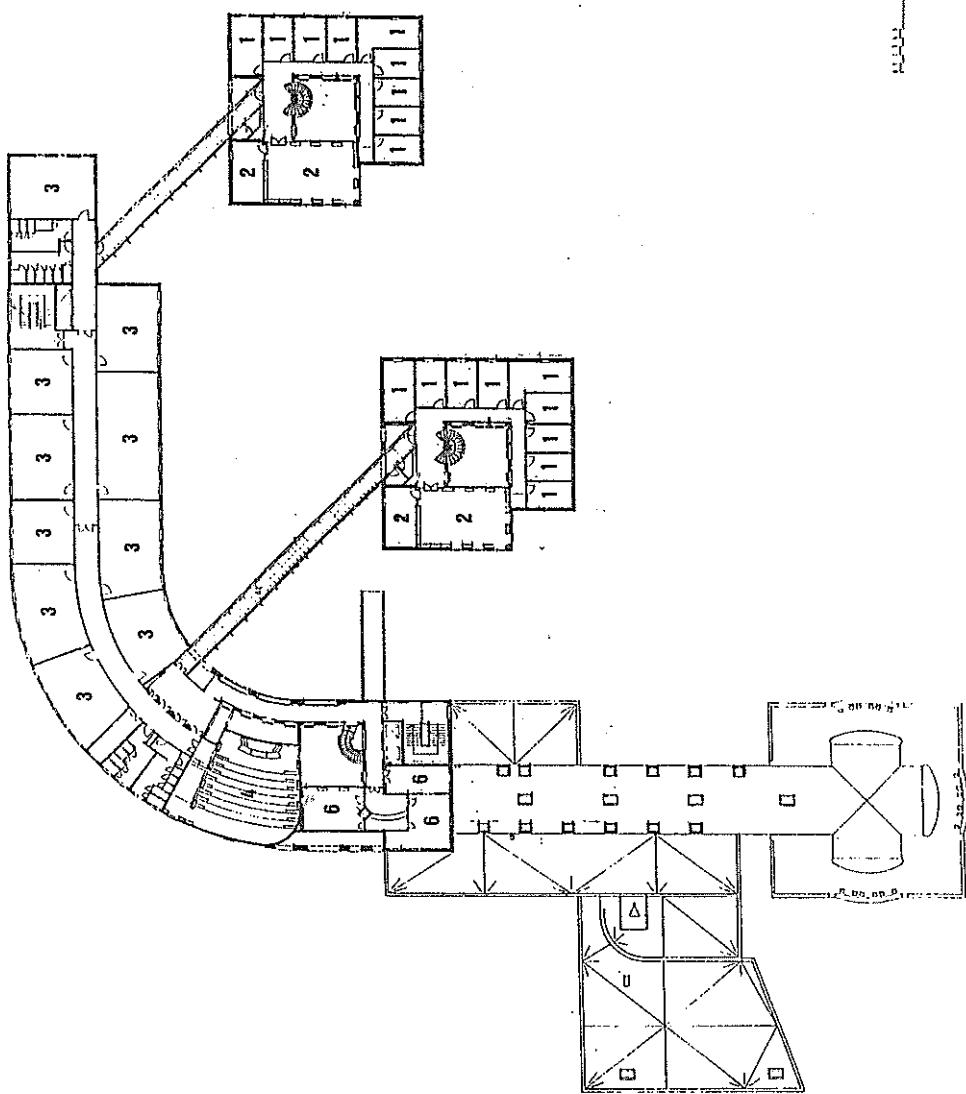
PISO 1



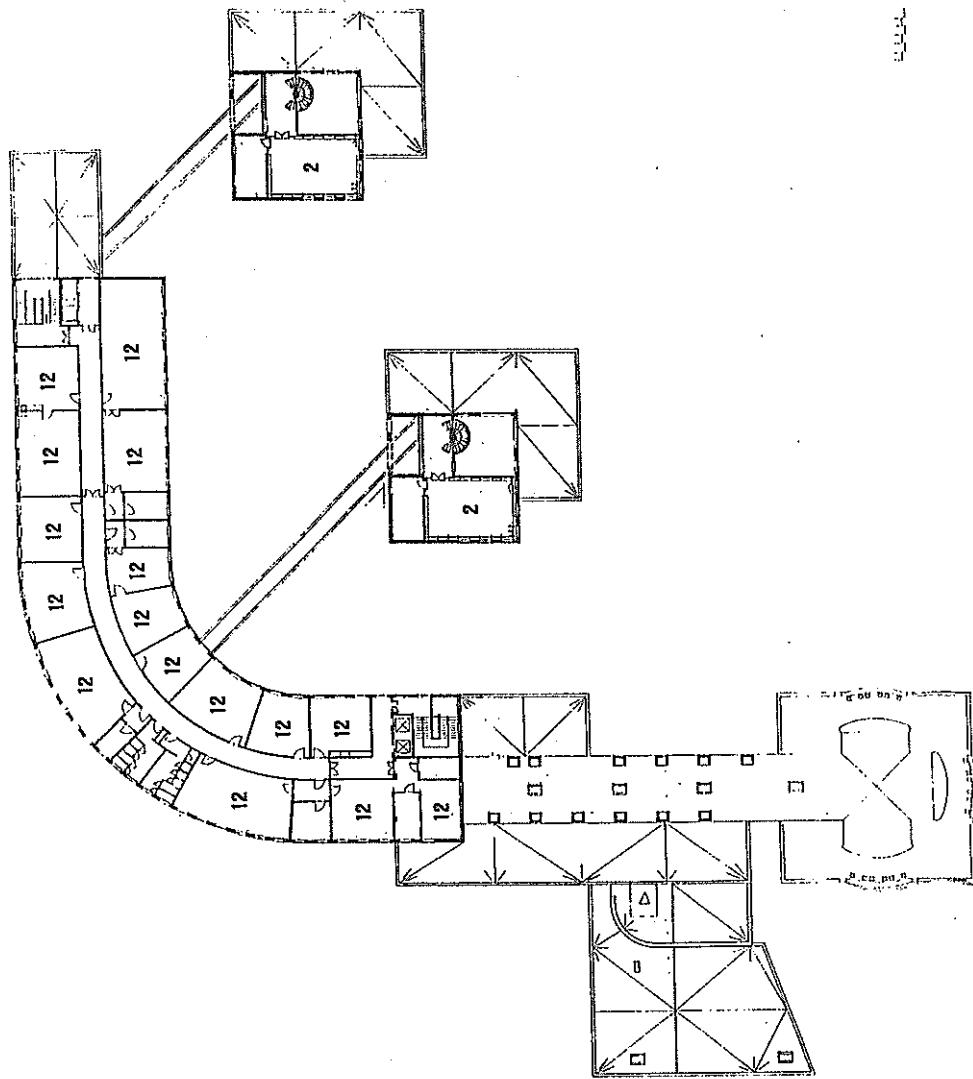
PISO 2



PISO 3



PISO 4



GUIA DO ESTUDANTE

INTRODUÇÃO

O início de um novo ano lectivo representa para todos os que trabalham e estudam na Faculdade de Letras um momento de expectativas e de vislumbre de novos desafios que no presente redobram de intensidade dado que pela primeira vez decorrerá nas novas instalações, numa situação de normalidade de calendarização da actividade escolar.

A Faculdade de Letras atenta às mudanças que se têm processado no mercado de trabalho procura ministrar nas suas licenciaturas curriculæ mais adaptados às exigências do presente. Mas este ano lectivo representa um marco na história da nossa escola pois foi criada uma nova variante no curso de Línguas e Literaturas Modernas em Português-Espanhol e uma nova licenciatura em Estudos Europeus a que está inerente uma colaboração transdisciplinar.

A nível de cursos de pós-graduação a Faculdade de Letras conta com dois cursos profissionalizantes (Ciências Documentais e Museologia) e um número crescente de cursos de Mestrado nas diversas áreas científicas que a integram.

No intuito de apoiar a valorização científica e pedagógica do pessoal discente e docente está em fase de instalação uma rede informática que colocará, a Biblioteca Central e as dos diferentes Institutos, em contacto com 500 Bibliotecas de todo o Mundo, com os evidentes benefícios para a qualificação do ensino na nossa escola. Nesta mesma perspectiva se insere a ligação à Internet, que a partir de Dezembro de 1996, poderá ser utilizada por todos nós.

É neste espírito, de valorização e de qualificação do ensino na nossa escola que espero que o ano lectivo de 1996/97 decorra e, para o qual, conto com a colaboração de todos os que trabalham e estudam na Faculdade de Letras.

Porto e Faculdade de Letras, Setembro de 1996

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

ÓRGÃOS DE GESTÃO DA FACULDADE

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo
Conselho Consultivo.

SERVIÇOS DA FACULDADE

A - Serviço de Gestão de Alunos

Gabinete de Apoio ao Aluno

Horário normal de abertura ao público:
de 2^a a 6^a feira: 14h00-16h30

Encerra ao Sábado

B - Tesouraria

Horário de atendimento:
de 2^a a 6^a feira: 9H30 - 11H30
14H30 - 16H30
Encerra ao Sábado.

C- Gabinete de Relações Públicas e Marketing

O Gabinete de Relações Públicas e Marketing, que funciona no Piso 2 desta Faculdade, tem como principais funções:

- Comunicar com outras instituições de ensino, nomeadamente aquelas com as quais existem programas de intercâmbio;
- Responder a diversos pedidos de informação sobre a Faculdade e os seus cursos, por parte de instituições de ensino (nacionais e estrangeiras) e outras;
- Editar brochura(s) sobre a Faculdade e os seus cursos, quer para responder aos pedidos de informação, quer com intuito de divulgação;
- Divulgar informações sobre a Faculdade, sejam informações de natureza científica ou de outra natureza igualmente importantes;
- Apoiar e divulgar eventos, conferências, seminários, colóquios e outros;
- Procurar apoios e patrocínios para eventos importantes e para a instituição de prémios escolares.
- Apoiar os órgãos de gestão prestando apoio técnico, nomeadamente a elaboração de relatórios e divulgação de algumas actividades dos serviços, junto da comunidade escolar;
- Assegurar, em geral, todos os contactos com o exterior e a comunicação social.

Encontra-se em funcionamento durante as horas normais de serviço.

D - Gabinete de Extensão Cultural

A criação deste gabinete insere-se numa nova dinâmica que se vem impondo à Faculdade, em termos culturais e dirige-se a todos os docentes e investigadores. Tem como objectivos fundamentais:

- organizar actividades culturais a todos os níveis (conferências, debates, exposições, congressos, colóquios, jornadas, semanas culturais...);
- apoiar as publicações editadas pelo Conselho Directivo.

O Calendário Cultural previsto para 1996/97:

- . I Jornadas Qualitativas para as Ciências Sociais (FLUP)
- 4 e 5 de Outubro

. Colóquio Internacional "Le vocabulaire des écoles des Mendiants au Moyen Age" (FLUP, Fund. Engº Antº de Almeida e JNICT)

- 11 e 12 de Outubro

. Semana Cultural Inglesa (FLUP).

- 21 a 26 de Outubro

. 1º Encontro sobre Questões Pedagógicas (FLUP)

- 30 de Outubro

. Jornadas Comemorativas do 4º Centenário do Nascimento de Descartes (Fund. Engº António de Almeida e FLUP)

- 18 a 20 de Novembro

. Congresso Internacional "Almada Negreiros - A Descoberta como Necessidade" (FLUP, Fund. Engº Antº de Almeida e Univ. Católica Portuguesa)

- 12 a 14 de Dezembro de 1996

. International Society of Applied Psycholinguistics

- 25 a 28 de Junho

Outras actividades decorrerão, no entanto ainda não estão previstas em termos de calendário.

E - Gabinete de Informática

- Administração e manutenção da aplicação dos sistemas informáticos actualmente a funcionarem nos Serviços de Gestão de Alunos.

- Gestão e manutenção do parque informático dos Serviços Administrativos.

- Apoio à Internet.

F - Gabinete de Planeamento e Apoio Técnico (antigo GAPRO)

É um serviço que se dirige prioritariamente a todos os docentes, investigadores e unidades de investigação sediadas na Faculdade. O seu objectivo fundamental consiste em apoiar e desenvolver nas melhores condições técnicas a candidatura de docentes, investigadores e unidades de investigação a concursos, programas e projectos nacionais e internacionais de I&D. Para isso, assegura

também a informação e comunicação consideradas necessárias para o desenvolvimento individual e colectivo dessas candidaturas. Incluem-se igualmente nas competências deste gabinete o apoio técnico à candidatura dos alunos de mestrado e doutoramento da Faculdade aos concursos, programas e projectos que permitem suportar, desenvolver e qualificar a sua formação. Por fim, encontra-se actualmente em fase de organização o apoio técnico a especializar pelo gabinete para desenvolver a candidatura de alunos finalistas e de recém-licenciados pela Faculdade a estágios de formação curricular e profissional, bem como o apoio técnico a convocar para as actividades de prestação de serviços ao exterior no âmbito de projectos de I&D.

O Gabinete de Planeamento e Apoio Técnico (antigo GAPRO) é, assim, um gabinete técnico que se responsabiliza exclusivamente por tarefas de gestão técnica nas áreas da sua competência. Excluem-se naturalmente das suas funções e competências quaisquer responsabilidades científicas e de gestão e aplicação financeiras dos projectos, programas e serviços apoiados por este Gabinete e em desenvolvimento na Faculdade.

G - Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os utilizadores devem inscrever-se e possuir o cartão de leitor que será fornecido pelos serviços.

O leitor deverá solicitar os regulamentos disponíveis para utilizar de forma correcta os serviços.

Horário de leitura: (Excepto nos períodos de férias)

2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H00

Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico (Semestral), 1979 ss.

Núcleo de Teses Existentes na Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo I", Porto, 1989.

Trabalhos de Docentes da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico -Anexo II", Porto, 1989.

Núcleo das Obras que constituem o Fundo Ultramarino da Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo III", Porto, 1990.

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Norte-Americanos, "Boletim Bibliográfico - Anexo IV", Porto, 1990.

Bibliografia Temática:

- 1- "Biblioteconomia e Documentação", 1989.
- 2- "Educação, Pedagogia, Didáctica", 1989.
- 3- "Biblioteconomia, Documentação, Arquivística", 1989.
- 4- Biblioteconomia. Documentação. Arquivística, 1991.
- 5- Literatura Medieval. Cultura Medieval, 1992.
- 6- Sociologia, 1992

Boletim de Sumários, 1988 ss.

Reservados da Biblioteca Central, 1^a ed., 1989; 2^a ed., 1990

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Ingleses, Porto, 1991

Dissertações Académicas, Porto, 1992

Núcleo Documental da Sala Brasileira, Porto, 1992

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação:

- Instituto de Estudos Ingleses
" de Estudos Norte Americanos
" de Estudos Germanísticos
" de Geografia
" de Cultura Portuguesa
" de Arqueologia
" de Documentação Histórica Medieval
" de Filosofia e História da Filosofia
" de História de Arte
" de Língua Portuguesa
" de Literatura Comparada
" de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa
" de Sociologia
" de Ciências da Educação
" de Estudos Franceses
Sala Brasileira
" Espanhola

" Neerlandesa
" de História Moderna
" de História Medieval
Centro de História
" de Linguística
" de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

H - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

O serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações, dá apoio as actividades pedagógicas, administrativas e de investigação. Preçário praticado é fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:
2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H30

BAR - Discentes e Funcionários

Horário:
2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H00
Encerra, normalmente, ao Sábado.

BAR - Docentes

Funciona no piso 2 do edifício central

Horário:
2^a a 6^a feira: 8h30-19h00

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos utentes da FLUP, mediante a aquisição do respectivo cartão de acesso.

Entrada pela Via Panorâmica, s/n (ao Campo Alegre).

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura

História

Históriá (Variante Arte)

História (Variante Arqueologia)

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port.; Est. Port./Franc.; Est. Port./Ingl.; Est. Port./Alem.; Est. Ingl./Alem.; Est. Franc./ Alem.; Est. Franc./Ingl.; Est. Port./Esp.; Est. Port.)

Geografia

Sociologia.

Estudos Europeus (variantes de Franc./Ingl., Franc./Alem., Ingl./Alem.)

B - Cursos Profissionalizantes:

a) Ramo Educacional:

. regime normal (3º, 4º e 5º anos)

b) Tradução (3º, 4º e 5º anos)

C - Cursos de pós-graduação:

a) Mestrados:

2º ano (a funcionar desde 1995/96)

. Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva - Variante A

. Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva - Variante B

- . Mestrado em Estudos Alemães
 - . Mestrado em Estudos Portugueses e Brasileiros
 - . Mestrado em Estudos de Tradução
 - . Mestrado em História Moderna
- 1º ano (a funcionar a partir de 1996/97)
- . Mestrado em Estudo Anglo-Americanos
 - . Mestrado em Arqueologia Pré-Histórica
 - . Mestrado em História de Arte em Portugal
 - . Mestrado em História Medieval
 - . Mestrado em História Contemporânea
 - . Mestrado em Filosofia Moderna e Contemporânea
 - . Mestrado em Filosofia da Educação

b) Cursos de Pós-Graduação

2º ano

- . Curso de Pós-Graduação em Ciências Documentais - Opção "Bibliotecas e Documentação";
- . Curso de Pós-Graduação em Ciências Documentais - Opção "Arquivos"
- . Curso de Pós-Graduação em Museologia.

D - Diploma Universitário de Formação de Professores de Português, Língua Estrangeira.

E - Cursos de Formação Contínua de Professores.

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de Avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

RAMO EDUCACIONAL:

1.

- a) Estágio Pedagógico nas escolas fixadas pela Direcção Regional de Educação do Norte, de acordo com a Faculdade de Letras;
- b) Seminário semanal na Faculdade (3 horas);

c) Admissão ao Estágio Pedagógico com aproveitamento em todas as disciplinas até ao 4º ano; os alunos que terminam o 4º ano na época de recurso (Setembro), só podem concorrer a lugar de estágio em Julho do ano seguinte.

2.

a) A selecção e seriação dos candidatos ao Ramo Educacional far-se-á segundo a média total de disciplinas dos dois primeiros anos de curso, excluindo duas disciplinas (condição para a passagem do ano). Estas disciplinas corresponderão àquelas em que o candidato apresenta classificações mais baixas ou a disciplinas em atraso quando as haja;

b) A média obtida será calculada até às décimas; em caso de empate, será calculada até às centésimas;

c) Mantendo-se a situação de empate, será dada preferência na selecção àqueles alunos que tenham aprovação em todas as disciplinas do 1º e 2º anos;

d) Se for necessário, recorrer-se-á à idade do concorrente, tendo preferência o candidato mais velho.

Notas:

I - O Regulamento dos Estágios, encontra-se publicado na Port. 659/88, de 29 de Setembro.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

III - Existe agora na Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto um novo serviço: **O Serviço de Apoio ao Estudante Deficiente Visual (SAEDV)**. Este serviço, que pretende servir os estudantes da Universidade do Porto, tem como objectivo proporcionar aos estudantes deficientes visuais a sua total integração nos estabelecimentos que frequentam, colocando-os em igualdade de circunstâncias com os alunos normovisuais, a nível de condições de trabalho e perspectivas de integração profissional.

O SAEDV permite ainda o acesso a documentação a negro que os estudantes deficientes visuais venham a necessitar no decorrer da sua actividade no estabelecimento de ensino e, mais tarde, a nível profissional. O serviço é igualmente produtor de documentação em Braille e sonora e tem a intenção de ampliar a sua biblioteca destes materiais à medida das necessidades dos seus utilizadores.

Este é um projecto que funciona com a participação activa dos utilizadores, aberto ao futuro, às novas tecnologias e às novas possibilidades que as mesmas podem abrir aos deficientes visuais.

MATERIAL EXISTENTE NO SAEDV:

- Computador PC
- Apollo II (sintetizador de voz para uso com PC) composto por quatro línguas (Português, Francês, Inglês e Espanhol)
- Impressora HP 600
- Scanner HP scanjet
- CD Rom com dupla velocidade
- Impressora Braille - Index Basic
- Placa Braille -n-Print
- Máquina Perkins
- Gravador com deck duplo -Sony- com entrada de microfone e auscultadores
 - Gravador portátil com duplo deck e gravação a alta velocidade
 - Gravador Repórter
 - Dois Auscultadores Sony
 - Misturador Monocor e transformador
 - Microfone Sony
 - Wordstar 7.0 I com dicionário de Português
 - Wordperfect 6.0 DOS I Educ.
 - Borland Quattro pro Dos 5.0 I
 - Dicionário Aurélio (português)
 - Livros em Braille:
 - . Dicionários Académicos Latim-Português
 - . Gramática Elementar da Língua Alemã
 - . Gramática Elementar da Língua Portuguesa
 - . Gramática do Inglês

CURSOS DE TRADUÇÃO

Os alunos de LLM poderão optar pelo Curso de Tradução nas seguintes condições:

- a) Os alunos provenientes das variantes em que estão inscritos, excepto os inscritos na variante de Estudos Portugueses;
- b) Serão candidatos à admissão nestes cursos, os alunos inscritos no 2º ano, que reunam as condições de transição para o 3º ano do respectivo curso;
- c) Os candidatos serão seleccionados de acordo com as normas estabelecidas.

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.
2. Mudança de variante em LLM: os pedidos dos alunos da FLUP são considerados desde que reunam condições de passagem para o 2º ano, isto é, com duas disciplinas em atraso.
3. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Nota:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o Gabinete de Apoio ao Aluno (FLUP).

CALENDÁRIO PARA O ANO LECTIVO 1996/97

- . Abertura oficial: 3 de Outubro de 1996
- . Início do ano lectivo: 7 de Outubro de 1996
- . Primeiras frequências: 20 de Janeiro a 15 de Fevereiro de 1997
- . Segundo semestre: 17 de Fevereiro a 24 de Maio de 1997
- . Segundas frequências: 26 de Maio a 14 de Junho de 1997
- . Exames finais
(época normal): 16 de Junho a 7 de Julho de 1997
- . Exames finais
(época de recurso): 1 a 20 de Setembro de 1997

**NORMAS DE AVALIAÇÃO
DA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO
ANO LECTIVO 1996/97**

A. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Artº 1 - Caracterização das modalidades de avaliação

1. Admitem-se as seguintes modalidades de avaliação:

- a) Avaliação contínua
- b) Avaliação periódica
- c) Avaliação final

2. Em todos os cursos, nos termos do artigo 18º, é permitida a combinação, numa mesma disciplina, da modalidade de avaliação contínua com uma das outras modalidades de avaliação, prevalecendo, dentro de cada uma destas formas de avaliação, as normas respectivas.

3. Poderão existir, em alternativa ou em combinação com outras modalidades, trabalhos de pesquisa ou de campo obrigatórios, definidos nos termos dos artigos 2º, 18º, 19º e 20º.

Artº 2 - Definição inicial da avaliação e sua apresentação

1. No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina, o docente deve comunicar o plano de avaliação e dialogar com os alunos acerca dos diferentes aspectos, explicitando:

- a) Objectivos pedagógico-didácticos;
- b) Modalidades de avaliação, com referência à existência ou não de avaliação contínua e à forma como, dentro dos limites impostos nestas normas, esta poderá ser combinada com outras modalidades;
- c) Existência ou não de trabalhos de investigação obrigatórios e ou facultativos;
- d) Índices e critérios de ponderação de cada uma das componentes de avaliação (testes, trabalhos de investigação, trabalhos de campo, participação nas aulas teóricas e práticas);
- e) Número e tipo de testes mínimo para as disciplinas em modalidade de avaliação contínua.

2. O estipulado no ponto 1 deve obrigatoriamente ser registado pelo docente no livro de sumários, até ao fim do primeiro mês de aulas. O livro de sumários deve estar actualizado e à disposição dos alunos.

3. O plano de avaliação terá em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

- a) Número de alunos;
- b) Número de docentes;
- c) Natureza da disciplina e conteúdos a leccionar.

4. Todos os alunos devem tomar conhecimento desde o início do ano lectivo do plano de avaliação de cada uma das disciplinas em que estão inscritos. Em caso algum poderão invocar desconhecimento desse plano nos momentos de avaliação.

B. AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Artº 3 - Elementos de avaliação

1. A modalidade de avaliação contínua terá um número de provas mínimo a definir pelo docente no início do ano lectivo e em correlação directa com as matérias a leccionar. Estas devem ser distribuídas regularmente, consistindo na realização complementar ou em alternativa de vários tipos de provas: trabalhos escritos e orais, relatórios de leitura ou de trabalho de campo, elaboração de bibliografias críticas, testes escritos ou orais, etc.

2. Os alunos devem ser informados sobre todos os elementos de avaliação, incluindo os trabalhos orais e a participação nas aulas, e sobre os critérios de ponderação adoptados, critérios esses que não poderão ser alterados *a posteriori* sem o prévio acordo dos alunos.

3. Uma das provas tem de ser obrigatoriamente um teste escrito.

Artº 4 - Inscrição e desistência

1. A inscrição nesta modalidade de avaliação é feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.

2. Os alunos só podem desistir da avaliação contínua até um mês antes do início do calendário de avaliação periódica. Os alunos que desistirem da avaliação contínua podem submeter-se ao regime de avaliação periódica se o comunicarem ao docente aquando da desistência. Caso contrário, só poderão submeter-se ao regime de avaliação final.

3. Uma informação quantitativa e/ou qualitativa sobre a avaliação contínua deve ser afixada necessariamente até uma semana antes do prazo limite da desistência da avaliação contínua.

4. A desistência da avaliação contínua efectua-se por comunicação escrita, datada e assinada. No período de aulas deve ser entregue pessoalmente ao docente.

Artº 5 - Funcionamento das aulas

1. A avaliação contínua apenas pode ser realizada em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos.

2. O quantitativo referido no ponto anterior poderá, eventualmente, ser alterado, após autorização do Conselho Pedagógico, e mediante justificação do docente.

3. As disciplinas ou turmas que funcionam no regime de avaliação contínua podem ter aulas durante a interrupção motivada pelas primeiras provas de avaliação periódica, mediante acordo entre professor e alunos.

Artº 6 - Exigência de presença às aulas

1. A avaliação contínua obriga à presença do aluno, no mínimo, em 75% das aulas.

2. A presença dos alunos é verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.

3. O docente é o responsável pelas folhas de presença assinadas pelos alunos, que as podem consultar, de modo a controlarem as suas faltas.

Artº 7 - Prazo de afixação das classificações

1. As classificações da avaliação contínua devem ser regularmente comunicadas aos alunos, e devem ser publicadas até uma semana antes do prazo limite de desistência da avaliação contínua.

2. O docente deverá comunicar aos alunos a classificação de cada prova escrita no prazo máximo de 30 dias após a realização da mesma. Este prazo só poderá ser alterado mediante acordo prévio entre docente e discentes.

3. Caso haja impossibilidade justificável por parte do docente em cumprir o disposto nos números 1 e 2 deste artigo, este deverá informar os discentes da sua situação. Ao não cumprir o nº1, o docente deverá ainda alargar o prazo de desistência de avaliação contínua. Em caso algum um aluno poderá ficar privado de desistir da avaliação contínua e optar pela avaliação periódica ou final por falta de informação sobre as suas classificações.

4. A classificação das provas orais deve ser afixada no dia de realização das mesmas.

5. A classificação final dos alunos deve ser afixada, com as ponderações de cada tipo de prova claramente explícitas, até 21 dias úteis após o último dia de aulas.

Artº 8 - Aprovação em avaliação contínua

1. Para que os alunos se considerem aprovados em avaliação contínua, a média final deve ser igual ou superior a 9,5 valores, não podendo, no caso das línguas vivas, a média de uma das componentes (oral ou escrita) ser inferior a 8 valores.

Artº 9 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação contínua é considerado reprovado, tendo, no entanto, direito a realizar exame final na época de recurso e nas condições fixadas pelo artº 15.

C. AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Artº 10 - Tipos de provas

1. O número mínimo de provas a realizar é de duas, sendo uma obrigatoriamente um teste escrito efectuado na presença do docente e podendo a outra ser um trabalho elaborado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno, nos termos do artº 2.

2. Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo para além das duas provas de avaliação periódica, os referidos trabalhos deverão obrigatoriamente regular-se pelo disposto no artº 18.

3. As provas só podem incidir sobre matéria leccionada até uma semana antes da sua realização.

Artº 11 - Inscrição e desistência

1. A inscrição do aluno nesta modalidade de avaliação considera-se efectiva pela sua presença na primeira prova de avaliação periódica.

2. Os alunos que não compareçam a uma das provas, mas queiram optar por manter-se nesta modalidade de avaliação, devem entregar ao responsável da cadeira uma declaração datada e assinada, até 5 dias úteis após o reinício das aulas, para o caso da primeira prova. Para a segunda prova, o prazo é de 5 dias após a realização da mesma.

3. Presume-se que o aluno que não cumpre o disposto no ponto 2 optou pela modalidade de avaliação final.

4. Um aluno que compareça a duas provas de avaliação periódica perde o direito à desistência desta modalidade de avaliação, não podendo realizar exame final na época normal, excepto nos casos contemplados no ponto 7 do artº 15.

Artº 12 - Aprovação e repescagem

1. Para que os alunos se considerem aprovados em avaliação periódica, a média final das provas realizadas tem de ser igual ou superior a 9,5 valores, não podendo qualquer das provas ter uma classificação igual ou inferior a 7 valores.

2. Têm o direito de realizar uma prova de repescagem os alunos que se encontrem numa das seguintes situações:

a) Os alunos que não estejam na situação referida no ponto 1 deste artigo, ou seja, os alunos que tenham classificação igual ou superior a 9,5 valores numa das provas de avaliação periódica e classificação igual ou inferior a 9 valores na outra, desde que a média das duas provas seja inferior a 9,5 valores.

b) O alunos que tenham faltado a uma das provas, desde que tenham classificação igual ou superior a 9,5 valores na prova que realizaram e que cumpram o disposto no ponto dois do artigo 11º.

3. A prova de repescagem é realizada em simultaneidade com o exame final da época normal e substitui integralmente a prova realizada anteriormente à qual se refere.

Artº 13 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação média inferior a 9,5 valores em avaliação periódica é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condições fixadas pela lei geral e conforme os artigos 15º e 16º destas normas.

Artº 14 - Avaliação periódica em línguas vivas

1. Sem prejuízo do disposto nos artigos 10º, 11º e 12º, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais.

2. As provas escritas são, no mínimo, duas e precedem a prova oral. Para ser admitido à prova oral a média mínima é de 9 valores, sendo uma das classificações obrigatoriamente igual ou superior a 9,5 valores, e não podendo a outra ser igual ou inferior a 7 valores.

3. Cabe aos docentes fixar o momento de realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de dois dias úteis após a afixação dos resultados das provas escritas correspondentes, segundo o estipulado no artº 22.

4. A classificação final deve obter-se pela média entre a classificação da prova oral e a média alcançada nas provas escritas e segundo o estipulado no artº 16 destas normas.

5. Em línguas vivas a prova oral funciona sempre como uma prova autónoma, obrigatória, com a finalidade de avaliar a capacidade de expressão oral do aluno, nunca podendo ser entendida como prova de repescagem das provas escritas.

6. Para que os alunos se considerem aprovados, a média final tem de ser igual ou superior a 9,5 valores, atentando ao disposto no ponto 2 deste artigo, e à obrigatoriedade de a classificação da prova oral ser igual ou superior a 7,5 valores.

7. As provas orais devem realizar-se em salas abertas ao público, perante um júri constituído por um mínimo de dois docentes da área em questão.

8. O aluno deve ter a hipótese de um dos elementos do júri ser o docente da turma que frequentou.

D. AVALIAÇÃO FINAL

Artº 15 - Tipos de provas

1. O exame final é constituído por uma prova escrita e, se necessário ou requerido, uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta.

2. Nos exames finais, nas épocas de recurso e especial, há apenas uma chamada por cada disciplina.

3. Nas disciplinas com prova prática obrigatória no exame final, esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo, realizado ao longo do ano lectivo, desde que para tal haja acordo entre professor e aluno, nos termos do artº2 e do artº 18.

4. Os alunos podem realizar exames na época de Setembro a todas as disciplinas a cujas provas faltaram ou de que desistiram em regime de avaliação contínua ou periódica.

5. Para os alunos que realizem recurso de qualquer modalidade de avaliação em Setembro, existe um limite de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais, para além das referidas no ponto anterior.

6. Na época especial (Dezembro), os alunos podem fazer exame final a um máximo de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais, desde que estas sejam suficientes para a obtenção de grau ou diploma.

7. Os alunos inscritos no 4º ano podem realizar recurso da classificação de avaliação periódica ou contínua na época normal, sem limite do número de disciplinas.

8. O recurso contemplado no número anterior não pode ser repetido na época de Setembro.

Artº 16 - Provas orais em avaliação final

1. As provas orais devem realizar-se em salas abertas ao público, perante um júri constituído por um mínimo de dois docentes da área em questão.
2. Um dos elementos do júri deve ser o docente da turma em que o aluno está inscrito.
3. Cabe aos docentes fixar o momento de realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de dois dias úteis, após a afixação das classificações da prova escrita correspondente, conforme estipulado no artº 22, ponto 3.
4. A nota mínima de admissão à prova oral é de 7,5 valores, excepto no caso das disciplinas de línguas vivas, em que a classificação mínima é de 9 valores.
5. Os alunos que obtenham na prova escrita classificação igual ou superior a 9,5 valores ficam dispensados da prova oral (excepto no caso das línguas vivas) sem que, no entanto, lhes seja vedado requerê-la no prazo de dois dias úteis após a afixação da classificação da prova escrita.

6. Sempre que se realize uma prova oral em avaliação final, o resultado será a média obtida entre a classificação da prova escrita e a classificação da prova oral, devendo esta ser também afixada.

7. O regime de obrigatoriedade da prova oral pode ser alargado a qualquer outra disciplina que não as línguas vivas, sob proposta do responsável da disciplina, e com parecer favorável do Conselho Pedagógico e do Conselho Científico.

E. MELHORIAS DE NOTA

Artº 17 - Exames para melhoria de classificação

1. Os alunos podem requerer melhoria de classificação a qualquer disciplina, sem restrição numérica, mas uma só vez.
2. A melhoria pode ser feita nas épocas normal e de recurso de avaliação final, até à época de recurso (inclusivé) do ano lectivo seguinte ao da aprovação na disciplina. Não se pode realizar melhoria na época normal de avaliação final do ano de aprovação da disciplina, à excepção dos alunos inscritos no 4º ano.
3. Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de classificação no ano seguinte àquele em que obtiveram aprovação nas disciplinas respectivas têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que tem lugar o novo exame e de prestar provas com o docente (ou docentes) que ministra(m) os referidos programas.
4. Na melhoria de nota prevalece a classificação mais elevada.

F. COMBINAÇÃO DE MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Artº 18 - Avaliação periódica, final e contínua

1. Uma mesma disciplina pode funcionar simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente aos conteúdos teóricos; avaliação contínua relativamente aos conteúdos práticos.

2. Para que os alunos se considerem aprovados a média final tem de ser igual ou superior a 9,5 valores e em nenhum dos tipos de avaliação a classificação pode ser igual ou inferior a 7 valores.

3. No caso de classificação igual ou inferior a 7 valores num dos tipos de avaliação em vigor da disciplina, a classificação positiva do outro tipo poderá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

4. A ponderação da parte prática e da parte teórica da disciplina deve ser claramente explicitada nos termos do artº 2, sendo responsabilidade do docente indicar o índice de ponderação efectivo de cada uma delas na média final da disciplina.

5. Nas disciplinas em que esse índice não tenha sido efectivamente fixado, vigora uma ponderação de 50% para cada uma das componentes, teórica e prática.

6. Os alunos que optem pela combinação de modalidades de avaliação ficam obrigados ao regime de presenças próprio da avaliação contínua apenas em relação às aulas práticas.

G. TRABALHOS DE PESQUISA E SEMINÁRIOS

Artº 19 - Definição de trabalho de pesquisa

1. Considera-se um trabalho de pesquisa aquele em que haja recolha bibliográfica, documental ou de campo, original e individualizada, cuja apresentação e dimensão obedeça a certos requisitos mínimos, previamente acordados entre docente(s) e aluno ou grupo de alunos.

2. Os critérios, métodos, prazos e formas de realização devem ser discutidos com o docente no início da elaboração do trabalho; o docente deve acompanhar de perto essa elaboração, através de entrevistas e/ou sessões de trabalho.

3. Os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho podem ter uma classificação diferenciada em função da sua participação individual.

Artº 20 - Seminários

1. Os seminários são disciplinas incluídas nos currículos das licenciaturas, nos termos da legislação em vigor.
2. Para efeitos de avaliação, os alunos ficam obrigados a participar num número determinado de reuniões definido no início do seminário.
3. Para todos os efeitos consideram-se essas reuniões equivalentes a provas de qualquer outro sistema de avaliação, sem prejuízo de outras provas a realizar.
4. Os trabalhos de pesquisa realizados no âmbito do seminário obedecem às normas estipuladas no artº 19.
5. Todas as decisões quanto às modalidades de avaliação, organização e funcionamento do seminário, deverão ficar registadas no livro de sumários, conforme o estipulado no artº 2.
6. Os seminários do Ramo Educacional, dada a sua especificidade, não podem ser repetidos para efeito de melhoria de nota.

H. APRESENTAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES E SUA APLICAÇÃO

Artº 21 - Forma de apresentação das classificações

1. Todas as classificações devem ser afixadas em pautas datadas e assinadas pelo docente da disciplina.
2. Todas as classificações relativas a provas ou a trabalhos que servem de fundamento à classificação final têm de ser publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20), até às décimas.
3. As classificações finais são apresentadas em números inteiros, (escala de 0 a 20), sendo as décimas arredondadas à unidade, por defeito até ao meio valor, e por excesso a partir do meio valor.

Artº 22 - Prazos de afixação das classificações

1. Os resultados da primeira prova de avaliação periódica devem ser afixados até, no máximo, 30 dias úteis após a realização da mesma, salvo por deferimento por parte do Conselho Pedagógico de pedido de alargamento deste prazo feito pelo docente. O alargamento só poderá ser deferido quando devidamente justificado. O prazo nunca pode ser alargado para mais de 45 dias úteis após a realização da referida prova.

2. Os resultados da segunda prova de avaliação periódica devem ser afixados até 2 dias úteis antes da realização da prova de repescagem respectiva.

3. Os resultados dos exames devem ser afixados até 2 dias úteis antes da realização das provas orais respectivas, com indicação explícita do dia e hora em que estas se realizam.

4. Os resultados das provas orais devem ser afixados no próprio dia em que as provas se realizam.

5. Os resultados dos exames da segunda época (Setembro) devem ser afixados até 2 dias úteis do início das inscrições no ano lectivo seguinte.

6. Relativamente à afixação das classificações das provas realizadas em regime de avaliação contínua, consultar o disposto no artº 7.

7. Estes prazos vigoram sem prejuízo de quaisquer outros que os Conselhos Pedagógico e Directivo venham a determinar e publicitar em tempo oportuno.

I. CONDIÇÕES DE PRESTAÇÃO E CONSULTA DAS PROVAS

Artº 23 - Consulta das provas

1. Os alunos têm o direito de consultar as suas provas e outros elementos de avaliação depois de classificados, desde que na presença do docente.

2. Em caso de prestação de prova oral, os alunos têm o direito de conhecer previamente a classificação da prova escrita correspondente.

Artº 24 - Condições de prestação de provas e casos de fraude

1. No início de cada prova o docente deve informar claramente os alunos acerca das condições de prestação da prova, incluindo a cotação das perguntas.

2. Os alunos que desistam durante a realização da prova devem fazer uma declaração de desistência assinada na folha de prova, e entregá-la ao docente.

3. Em caso de fraude comprovada, o docente deve anular a prova e comunicar o facto ao Conselho Pedagógico.

4. Caso haja apenas suspeita de fraude, deve o docente comunicar todas as informações sobre a sua fundamentação ao Conselho Pedagógico, o qual tomará posição depois de ouvidas as partes envolvidas.

5. No caso de fraude grave comprovada, o Conselho Pedagógico comunicará o facto à secção disciplinar do Senado da Universidade.

Artº 25 - Identificação dos alunos no momento de prestação de provas

1. Os docentes encarregados de vigiar quaisquer provas devem exigir aos alunos documento comprovativo da sua identidade.

2. Os docentes encarregados de vigiar provas de avaliação periódica e exames finais devem fazer circular uma folha de presenças, devidamente datada e rubricada pelo docente que recolher as assinaturas dos alunos.

J. CALENDÁRIO DE PROVAS

Artº 26 - Direito a reclamação relativa ao calendário de provas

1. Dadas as dificuldades na elaboração do calendário nos cursos com múltiplas variantes, está previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplinas do mesmo ano. O prazo é de cinco dias úteis depois de afixado o calendário das provas.

2. As reclamações devem ser dirigidas à Presidência do Conselho Pedagógico e entregues no secretariado desse órgão. O^ª Presidente do Conselho Pedagógico poderá delegar num ou mais membros deste Conselho o poder de resolução destas situações.

L. DISPOSIÇÕES FINAIS

O Conselho Pedagógico reserva-se o direito de tomar as providências que entenda necessárias a fim de resolver eventuais irregularidades no processo de avaliação.

NOTA: Será feita uma adenda tendo em conta os alunos deficientes.

REVISTAS DA FACULDADE DE LETRAS

- Séries de:

História (com 1 anexo)

Filosofia

Línguas e Literaturas (com 7 anexos)

Geografia

Sociologia

Portugalia (Instituto de Arqueologia)

Revista de História (Centro de História da Univ. do Porto)

Intercâmbio (Instituto de Estudos Franceses da FLUP) (com 5 suplementos)

Via Spiritus. Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso (Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto - Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

ACTAS DE COLÓQUIOS E CONGRESSOS

PUBLICADAS

O Porto na Época Moderna (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1979), "Revista de História", Porto, INIC/Centro de História UP, vol. II, 1979, vol III, 1980

Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste (Novembro de 1983), "Portugalia", Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Arqueologia, nova série, IV-V, 1983-1984

Perspectivas e Leituras do Universo Kafkiano (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1983), Lisboa, Apáginastantas, 1984

I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1984), Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia (CENPA), 1986

II Jornadas Luso - Espanholas de História Medieval (Novembro de 1985), 4 vols., Porto, Centro de História UP/INIC, 1987, 1989, 1990

Problemáticas em História Cultural (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo I", 1987

Victor Hugo e Portugal. No Centenário da sua Morte. (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987). Actas do Colóquio, Porto, Ed. subsidiada pela Fundação Eng. António de Almeida e pela Fondation Calouste Gulbenkian, 1987

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Ingleses, 1988

La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française - Secção de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto, 1988

Congresso Internacional "Bartolomeu Dias e a sua Época", 5 vols., Porto, Universidade do Porto -Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989

Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão. Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1988), Porto, Faculdade de Letras -Instituto de Estudos Germanísticos, "Línguas e Literaturas - Anexo III", 1989

Eça e "Os Maias", Actas do 1º Encontro Internacional de Queirosianos (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1988), Colecção «Perspectivas Actuais», Porto, Edições ASA, 1990

II Jornadas de Estudo Norte de Portugal-Aquitânia. L'Identité Régionale. L'Idée de Région dans l'Europe du Sud-Ouest (CENPA, Bordéus, Março de 1988), Paris, CNRS, 1991

A Recepção da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil (Faculdade de Letras do Porto, 2-9 de Novembro de 1989), 2 vols., Porto, Universidade do Porto, 1992

Espiritualidade e Corte em Portugal nos Séculos XVI-XVIII (Actas do Colóquio de Maio, 1992), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo V", 1993

1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 12-18 de Outubro de 1993), *Actas*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia - Vol. XXXIV - Fasc. 1-2», 3 vols., Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1993-1994

Antero de Quental e o Destino de uma Geração, Actas do Colóquio Internacional no Centenário da sua Morte (Faculdade de Letras do Porto, 20-22 de Novembro de 1991), Colecção «Perspectivas Actuais / Educação», Porto, Edições Asa, 1994

FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE
XVII

Geografia
1º ano

CONSELHO DIRECTIVO
1996

Guia do Estudante da FLUP.GEO: 1º Ano
Vol.17, 1996-97
Publicação Anual

Planeamento e dactilografia:
Gab. de Extensão Cultural
Execução e Impressão: Oficina Gráfica
Tiragem: **150** exemplares

MÉTODOS DE ANALISE EM GEOGRAFIA

Docente: Prof. Doutor João Carlos Garcia

1. A História da Cartografia Portuguesa (séc.XVI-XIX).
2. A Cartografia e a Expressão Gráfica em Geografia.
3. A Semiótica Gráfica na construção de mapas.
 - 3.1. As variáveis visuais - propriedades e aplicação.
 - 3.2. Os elementos e as qualidades de um mapa.
 - 3.3. A opção cartográfica: gráficos e mapas estatísticos.
4. A análise crítica de interpretações cartográficas.

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, A. - L'Expression Graphique, Paris, Masson, 1980

BERTIN, J. - Sémiolegrie graphique, 2^a ed., Paris, Mouton, 1973

Bibliografia Geográfica de Portugal, 2 vol., Lisboa, 1948 e 1982

BONIN, S. - Initiation à la Graphique, 2^a ed., Paris, 1983

BRUNET, R. - La carte, mode d'emploi, Paris, Fayard, 1987

CAMPBELL, J. - Map Use and Analysis, Dubuque, W. C. Brown,

1991

DIAS, M^a Helena - Leitura e Comparação de Mapas Temáticos em Geografia Lisboa, Centros de Estudos Geográficos, 1991

DIAS, M^o Helena (coord.) - Os Mapas em Portugal, Lisboa, Cosmos, 1995

DIAS, M^a Helena; ALEGRIA, M^a Fernanda - Tratamento cartográfico e informação em Geografia, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1983

DIAS, M.H.; FEIJÃO, J. - Glossário para Indexação de Documentos Cartográficos, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995

DICKINSON, G. - Statistical Mapping and the Presentation of Statistics, 2^a ed., Londres, Edward Arnold, 1981

GALERA, M. et al. - La cartografia de la Península Ibèrica i la seva extensió al continent americà, Barcelona, 1991

- "- Introducció a la Història de la Cartografia, Barcelona, 1990
GIRÃO, A. Amorim - Atlas de Portugal, Coimbra, 1960
MONKHOUSE, F.; WILKINSON, H. - Maps and Diagrams, 3^a ed.,
Londres, Methuen, 1973
RIBEIRO, Orlando - Opúsculos Geográficos, I-II, Lisboa, 1990.
ROBINSON, A. et al. - Elementos de Cartografia, Barcelona, Omega,
1987

ELEMENTOS DE ESTATÍSTICA APLICADA A GEOGRAFTA

Docente: Dr^a Teresa Sá Marques

0. A Importância da Análise Estatística na Análise Geográfica

1. Fontes de Informação Estatística

- 1.1. Estatísticas da População**
- 1.2. Estatísticas da Habitação**
- 1.3. Estatísticas Industriais**
- 1.4. Estatísticas dos Serviços**
- 1.5. Estatísticas Agrícolas**
- 1.6. Estatística de Emprego e de Formação**
- 1.7. Estatísticas dos Transportes**
- 1.8. Estatísticas não Publicadas**
- 1.9. Anuários e Directórios**
- 1.10. Estatísticas não Publicadas**
- 1.11. Outras Fontes de Informação**

2. Elementos de Estatística Aplicada

- 2.1. Técnicas de Associação**
 - 2.1.1. Histogramas**
 - 2.1.2. Polígonos de Frequência**
- 2.2. Medidas Estatísticas**
 - 2.2.1. A Média**
 - 2.2.2. A Moda**
 - 2.2.3. A Mediana**
 - 2.2.4. Desvios à média**
 - 2.2.5. Desvios à mediana**
 - 2.2.6. A Covariância**
 - 2.2.7. Coeficiente de Correlação**
 - 2.2.8. Regressão**
- 2.3. Tratamento Científico da Informação**
 - 2.3.1. Matriz de Informação Espacial**

- 2.3.2. As primeiras etapes de Análise da Matriz de Informação:
Standartização e Correlação
- 2.4. Outras Técnicas de Análise Quantitativa
 - 2.4.1. A Análise Multidimensional
 - 2.4.2. Linkage Analysis
 - 2.4.3. A Análise de Componentes Principais
 - 2.4.4. As Árvores Factoriais

O programa vai ser desenvolvido a partir de exemplos práticos da análise geográfica. Pretendemos definir um objectivo de análise e a partir daí desenvolver um trabalho ao longo do ano, no qual vamos aplicar e discutir os diferentes métodos de análise estatística.

Esta abordagem estatística vai ser complementada por representações gráficas e cartográficas de forma a permitir uma articulação destes métodos com outros tipos de representação e análise apreendidos, designadamente, na cadeira de Métodos de Análise em Geografia.

A Bibliografia será indicada nas aulas.

GEOGRAFIA FÍSICA I

Docentes: Dr^a Edite Velhas
Dr^a Carmen Ferreira

TEÓRICAS

1. A GEOGRAFIA FÍSICA NO CONTEXTO DAS CIÊNCIAS DA TERRA

2. CLIMATOLOGIA

2.1. Introdução.

Objecto e tentativa de definição.

Os métodos de trabalho.

Relações com as Ciências da Terra e da Atmosfera.

2.2. Uma perspectiva sistémica do clima.

Componentes e processos do sistema climático.

A atmosfera - subsistema do sistema climático.

Composição e estrutura.

3. A ENERGIA NO SISTEMA CLIMÁTICO E O BALANÇO TÉRMICO DA SUPERFÍCIE DA TERRA

3.1. Fluxos de radiação solar e terrestre.

Transferências de energia no sistema Terra-Atmosfera.

3.2. A Temperatura do ar.

A distribuição mundial dos valores médios da temperatura.

Os factores condicionantes.

Os regimes térmicos.

4. A HUMIDADE NA ATMOSFERA

4.1. A humidade atmosférica, condensação e precipitação.

A estabilidade e instabilidade da atmosfera.

Mecanismos elementares de ascendência e subsidência.

4.2. A precipitação.

Teorias explicativas da formação da precipitação.

Características e tipos de precipitação.

Padrão da distribuição mundial da precipitação.

O ciclo hidrológico - os ramos aéreo e terrestre.

5. MOVIMENTOS DA ATMOSFERA, MECANISMOS E DINÂMICA GERAL

5.1. Pressão atmosférica e ventos.

Leis do movimento na atmosfera.

Distribuição das pressões médias e dos ventos à superfície e em altitude.

5.2. Estrutura da circulação geral da atmosfera.

A circulação dos oceanos e efeitos climáticos.

5.3. Massas de ar e frentes.

Relações com o estado do tempo.

Tipos de tempo na Europa Ocidental.

6. AS CLASSIFICAÇÕES CLIMÁTICAS

Os grandes sistemas classificatórios.

Os limites climáticos.

7. CLIMATOLOGIA APLICADA

Estudo de casos.

PRÁTICAS

1. OS DADOS DA OBSERVAÇÃO METEOROLÓGICA E OS DADOS CLIMÁTICOS

1.1. A organização dos registos de observação.

1.2. Procedimentos e métodos na obtenção dos dados climáticos.

1.3. Principais parâmetros caracterizadores das séries climatológicas.

2. OS BALANÇOS ENERGÉTICO E CALORÍFICO À SUPERFÍCIE DA TERRA

2.1. As variações geográficas da radiação solar recebida à superfície.
- principais factores intervenientes.

2.2. Balanços locais e regionais da radiação líquida à superfície.

2.3. Balanços caloríficos regionais - padrão espacial dos componentes do balanço calorífico.

3. O ELEMENTO CLIMÁTICO "TEMPERATURA"

3.1. Os ritmos diário e anual da variação da temperatura - os regimes térmicos e os principais factores determinantes.

3.2. As formas de representação gráfica do elemento climático:
"Temperatura".

3.2.1. Diagramas elementares e diagramas de termoisopletas.

4. A ANÁLISE CONJUNTA DOS ELEMENTOS CLIMÁTICOS

- 4.1. Características dos regimes termopluviométricos.
- 4.2. Conceitos de mês seco.
- 4.3. Os elementos Evaporação e Humidade atmosférica.
- 4.4. As formas de representação gráfica.
- 4.4.1. Gráficos termopluviométricos e climogramas.

5. CIRCULAÇÃO ATMOSFÉRICA, SITUAÇÕES SINÓPTICAS E ESTADOS DO TEMPO

Aplicação a Portugal e Ocidente da Europa.

- 5.1. As cartas sinópticas do Boletim Meteorológico Diário.
- 5.2. As associações entre tipos de circulação, situações sinópticas e estados do tempo.
- 5.3. As massas de ar e os ventos.
- 5.3.1. Os tefigramas e os diagramas aerológicos.
- 5.3.2. Formas de representação gráfica do elemento Vento.

6. AS CLASSIFICAÇÕES CLIMÁTICAS

- 6.1. Aplicação das Classificações de Köppen e Thornthwaite.

BIBLIOGRAFIA

ABLER, R.; ADAMS, J.S.; GOULD, P. - Spatial Organization - the geographer's view of the world, Prentice/ Hall International Editions, London, 1971 (*)

ALCOFORADO, M. J. et al. - Domínios Bioclimáticos em Portugal definidos por comparação dos índices de Gaussem e de Emberger. Linha de Acção de Geografia Física, nº14, C.E.G., Lisboa, 1982 (**)

ALCOFORADO, M. J. - Quelques remarques sur l'évolution séculaire des précipitations à Lisbonne, in "Três estudos de Geografia Física", Linha de Acção de G. Física, nº21, C.E.G., Lisboa, 1984, p.12.27 (**)

BARRY, B.; CHORLEY, R. - Atmosfera, tiempo y clima, Barcelona, Omega, 1980 (*)

BESANCENOT, J.-P - Climat et Tourisme, Masson, Paris, 19891 (** polic.)

BUDYKO, M.I - Climate and life, Academic Press, New York, 1974 (*)

CHARRE, J.P. - Les contraintes climatiques de l'organisation de l'espace, "Travaux de l'Institut de Géographie de Reims", nº45/46, 1981, p.3-12 (** polic.)

- CHOISNEL, E. - Notions d'échelle en Climatologie, "La Météo", série VII, n°4, 1984, p.44-52 (** polic.)
- CUNHA, L. - Tipos de tempo no Norte e Centro de Portugal, "Biblio", LIX, Coimbra, 1983 (** polic.)
- DAVEAU, S. - O ambiente geográfico natural. Aspectos fundamentais, C.E.G., Lisboa, 1976 (**)
- " - Thermo-isoplèthes, "Finisterra", vol. IX, n°18, Lisboa, 1974, p.301-315
- " - Influence de la continentalité sur le rythme thermique au Portugal, "Finisterra", 10 (19), Lisboa, 1975, p.5-52 (**)
- " - Repartition et rythme des précipitations au Portugal, C.E.G., Lisboa, 1977 (**)
- " - Estações meteorológicas exemplificativas dos principais tipos climáticos de Portugal Continental, "Finisterra", vol. XI, n°21, Lisboa, 1980, p.171-177 (**)
- " - Mapas Climáticos de Portugal, Nevoeiro e nebulosidade. Contrastes térmicos. "Memórias do C.E.G.", 7, Lisboa, 1985 (** polic.)
- ESCOURROU, G. - Climat et environnement. Les facteurs locaux du climat, Paris, Masson, 1981 (*)
- " - Climatologie pratique, Paris, Masson, 1978 (*)
- " - Le climat et la ville. Éditions Nathan, Paris, 1991 (** polic.)
- ESTIENNE, P.; GODARD, A. - Climatologie, Paris, Colin, 1970 (**)
- FERREIRA, A.B.; FERREIRA, D.B. - A seca de 1980-81 em Portugal. Causas meteorológicas e tipos de tempo. "Finisterra", XVIII, 35, Lisboa, 1983, p.27-63 (**)
- FERREIRA, P.; ESPÍRITO SANTO, J. - Balanço hídrico e clima de Portugal Continental. Publicação n°6 do Instituto Geofísico D. Luís, Lisboa, 1965
- GOUDIE, A. - The Human Impact on the natural environment. 3rd ed., Blackwell, Oxford, 1990 (*)
- GREGOIRE, F. - Problèmes d'échelle de mesure: application à la mesure de la température de l'air. "Actes du Colloque de Climatologie", vol. 4, A.I.C., Fribourg, 1991, p.283-290 (** polic.)
- GREGORY, K.J. - The nature of Physical Geography, Edward Arnold, London, 1985 (** polic.)
- GRISOLET, H.; GUILMET, B.; ARLERY, R. - Climatologie, méthodes et pratiques, Gauthier-Villars, Paris, 1973 (*)
- GROUPE CHADULE - Initiation aux pratiques statistiques en Géographie. 2éme ed., Masson, Paris, 1987 (*)

- HAGGETT, P. - Geography: a modern synthesis, 2nd ed., Harper & Row, New York, 1975 (*)
- HUFTY, A. - Introducción a la Climatología, Editorial Ariel, Barcelona, 1984 (** polic.)
- JOHNSTON, R.J. (ed.) - The future of Geography. Methuen, London, 1985 (*)
- MILLER, A. - Climatología, 5^a ed., Omega, Barcelona, 1982 (**)
- MONTEIRO, A. - La régionalisation climatique portugaise par une analyse factorielle-essai méthodologique. "Actes du Colloque de Climatologie", A.I.C., Aix-en Provence, 1988, p.49-58 (** polic.)
- "- Les calendriers de probabilités pour les températures minimes et máximes à Porto. "Actes du Colloque de Climatologie", vol.4, A.I.C., Fribourg, 1991, p.63-70 (** polic.)
- MONTEIRO, A.; GANHO, N. - Nota sobre a anomalia climática de 1 de Junho a 10 de Julho de 1988 em Portugal Continental. "Biblos", vol. LXV, Coimbra, 1989, p.165-188 (** polic.)
- MOUSNIER, J. - Le type de temps, un choix pour le géographie: climatologie synoptique ou climatologie compréhensive. "Cahiers du Centre de Recherches en Climatologie", 7, Dijon, 1977, p.99-117 (** polic.)
- PÉDELABORDE, P. - Introduction à l'étude scientifique du climat, Sedes, Paris, 1971 (** polic.)
- PEIXOTO, J. - Radiação solar, Lisboa, C.N.A., Lisboa, 1981
- "- O sistema climático e as bases físicas do clima, Lisboa, S.E.A.R.N., Lisboa, 1987
- "- A água no ambiente, S.E.A.R.N., Lisboa, 1989
- RAMOS, C. - Tipos de anticíclones e ritmo climático de Portugal, C.E.G., Lisboa, 1986 (** polic.)
- STRAHLER, A.N. - Geografia Física, 4^a ed., trad., Omega, Barcelona, 1979 (*)
- THORNTHWAITE, W. - An Approach toward a Rational Classification of Climate, "The Geographical Review", vol. 38, Londres, 1948 (** polic.)
- TREWARTHA, G.L. - An introduction to climate, 4th ed., McGraw-Hill, New York, 1968 (*)

As referências bibliográficas assinaladas com:

(*) encontram-se na Biblioteca da Faculdade de Letras

(**) encontram-se no Instituto de Geografia

INTRODUÇÃO A GEOLOGIA

AULAS TEÓRICAS

Docente: Prof^a Doutora Maria Assunção Araújo

1. Formação do Universo e do Sistema Solar.
2. Formação da Terra.
3. A atmosfera e a evolução da Vida.
4. A importância da noção de tempo em Geologia: eras, períodos e épocas. Características essenciais das eras geológicas.
5. A constituição da Terra: crista, manto e núcleo.
6. Noção de magma. Características dos diferentes grupos de minerais silicatados. Minerais félscos e máficos. Cristalização dum magma silicatado. Séries de reacção de Bowen. Rochas ígenas. Modos de jazida das rochas plutónicas e vulcânicas.
7. Noções elementares sobre a teoria da tectónica de placas: a deriva continental de Wegener, as descobertas posteriores a Wegener e a sua importância para a "revolução mobilista". As diferentes situações: bordos construtivos, destrutivos e falhas transformantes. A actividade ígnea e a orogénese. Noção de "rift", margem inactiva, arco insular, cadeia periférica, cadeia intra e intercontinental.
8. A estabilização das cadeias montanhosas e sua reactivação.
9. As rochas sedimentares: sua classificação. Noção de diagénese. Tipos de estratificação.
10. Rochas metamórficas. Tipos de metamorfismo e respectivas auréolas.
11. Noção de ciclo geológico. Meteorização mecânica e química.
12. Noções elementares de tectónica: tipos de dobras e de falhas. Flexuras.
13. Orogénese e epirogénese. A isostasia.

BIBLIOGRAFIA

ALLÉGRE, C. - A espuma da Terra, trad. port., Lisboa, Gradiva, 1988, 399 p.

BENNISON, G.M. - An introduction to geological structures and maps, 4^a ed., London, Edward Arnold, 1985, 64 p.

CARVALHO, A.M.G. - Geologia, ano propedêutico, Lisboa, Sec. Estado do Ensino Superior, 1977, 3 vol., 462 p.

DERCOURT, J. & PAQUET, J. - Geologia, objectos e métodos, trad. port., Coimbra, Almedina, 1981, 373 p.

HOLMES, A. - Principles of Physical Geology, 3^a ed., Londres, Nelson, 1978, 730 p.

STRAHLER, A.N. - Geología Física, trad. espanhola, Ed. Omega, Barcelona, 1987, 629 p.

WEINER, J. - Planeta Terra, Ed. Gradiva, Lisboa, 1987, 365 p.

AULAS PRATICAS

Docente: Dr^a Carmen Ferreira

1. Análise e interpretação de mapas topográficos.

1.1. Construção de perfis topográficos.

2. Classificação e identificação macroscópica de:

2.1. minerais;

2.2. rochas ígneas;

2.3. rochas sedimentares;

2.4. rochas metamórficas.

BIBLIOGRAFIA

DERCOURT, J. & PAQUET, J. (1981) - Geologia, objectos e métodos, Livraria Almedina, Coimbra

LOURENÇO, L. (1988) - Cadernos de Trabalhos Práticos de Geografia Física, 1^a Parte, F.L.U.C., Coimbra

POPP, J. H. (1987) - Geologia Geral, Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., Brasil

SKINNER, B.; PORTER, S. (1987) - Physical Geology, John Wiley & Sons, New York

STRAHLER, A. N. (1987) - Geología Física, Ed. Omega, Barcelona.

GEOGRAFIA HUMANA I

Docentes: Prof. Doutor Luís Paulo Saldanha Martins
Dr^a Fátima Matos

TEÓRICAS

1. Geografia Humana: objecto e método.
2. A formalização da Geografia como ciência e a evolução do pensamento geográfico contemporâneo.
3. A população: evolução e distribuição espacial.
4. A análise da organização do espaço.
5. Povoamento e teorias de localização dos aglomerados populacionais.

PRÁTICAS

1. Fontes de informação geográfica.
 - 1.1. As fontes cartográficas e documentais.
 - 1.2. Pesquisa bibliográfica.
2. Análise Demográfica.
 - 2.1. Fontes.
 - 2.2. Metodologias de análise.
3. Aplicação da Teoria dos Lugares Centrais.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

1971 ABLER, R.; ADAMS J; GOULD, P.- Spacial Organization, New York,

ARROTEIA, Jorge Carvalho - A evolução demográfica portuguesa, Lisboa, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984

ARROTEIA, José - Aspectos demográficos e sociais da população portuguesa no período de 1864-1981: uma análise regional. "Estudos Demográficos", nº30, INE, 1991, p.31-39

ATTALI, Jacques - Histoires du temps, Paris, Fayard, 1982

1991 BAILLY, A. et al. - Les concepts de la Géographie Humaine, Paris,

- BAILLY, A.; BÉGUIN, H.- Introduction à la Geographie Humaine, Paris, 1982
- BAILLY, Antoine; SCARIATI, Renato- L'Humanisme en Géographie, Paris, Anthropos, 1990
- CAPEL, Horacio - Filosofia y ciencia en la Geografía contemporánea, una introducción a la Geografía, 3^a edição, Barcelona, Barcanova, 1988
- "- Geografía Humana y Ciencias sociales, Barcelona, Montesinos, 1989
- CAPEL, Horacio; URTEAGA, Luis - Las nuevas Geografías, Madrid, Aula Abierta Salvat, 1984
- CARRILHO, M^a José - Aspectos demográficos e sociais da população portuguesa no período 1864-1981: evolução global do Continente português. "Estudos Demográficos", nº30, INE, 1991, p.11-28
- CARRILHO, M^a José; PEIXOTO, João - A Evolução Demográfica em Portugal entre 1989 e 1992. "Estudos Demográficos", nº31, INE, 1993, p.7-19
- CLAVAL, P. - A Nova Geografia, Coimbra, 1978
- "- Essai sur l'évolution de la Géographie Humaine, Paris, 1969
- DUPÂQUIER, Jacques et Michel - Histoire de la Démographie, Paris, Librairie Académique Perrin, 1985
- GAMA, António - Uma ruptura epistemológica na Geografia - a teoria dos lugares centrais, Coimbra, 1983
- GASPAR, Jorge - A área de influência de Évora, Lisboa, C.E.G., 1972
- "- Portugal: os próximos 20 anos, Vol. I, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1987
- GASPAR, M.B. Jorge - Geografia e Ordenamento do Território, dos paradigmas aos novos mapas, Colóquio Ciências, nº13, 1993
- GREGORY, Derek - Ideología, ciencia y geografía humana, Barcelona, Oikos-tau, 1984 (título original: Ideology, science and Human Geography)
- HAGGETT, P. - Analisis locacional en la Geografía Humana, Barcelona, 1985
- "- Geography: a modern Synthesis, 1975
- JOHNSTON, R. J.(ed.) - The future of Geography, London, Methuen, 1985
- KOBAYASHI, Audrey; MACKENZIE, Suzanne (eds.) - Remaking Human Geography, 1989
- MORRIL, R. - The spatial Organization of Society, Belmont 1984
- NAZARETH, J.M. - Conjuntura demográfica da população portuguesa no período de 1970-80: aspectos globais, "Análise Social", XX, (81-82), 1984, p.237-262
- "- Portugal: os próximos 20 anos, Vol. III, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1988

- "- Princípios e métodos de análise de demografia portuguesa, Lisboa, Ed. Presença, 1988
- "- Portugal na Europa Comunitária no final dos anos oitenta. "Estudos Demográficos", nº30, INE, 1991, p.41-45
- NOIN, Daniel - Geographie de la population, Paris, 1979
- NUNES, S. - Questões Preliminares sobre Ciências Sociais, Lisboa, 1982
- OLIVEIRA, J.M. Pereira de - O espaço urbano do Porto, Coimbra, 1973
- RIBEIRO, Orlando - Opúsculos geográficos, Pensamento Geográfico, Lisboa, II Volume, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989
- SANTOS, Boaventura de Sousa - Introdução a uma Ciência pós-moderna, 2^a edição, Porto, Edições Afrontamento, 1990
- SMITH, David M. - Geografia Humana, Barcelona, Oikos-tau, 1980
(título original: Human Geography. A Welfare Approach)
- WOLCH, Jennifer; DEAR, Michael (eds.) - The Power of Geography, London, Hyman, 1989

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS

Docentes: Prof. Doutor Álvaro Domingues

Dr. Helder Marques

Dr^a Fantina Tedim Pedrosa

1. Do senso comum ao rigor científico.
2. Conceitos.
- 2.1. Cidades e Metrópoles.
- 2.2. Regiões e Territórios.
- 2.3. População e Desenvolvimento Rural.

O objectivo do Programa da cadeira de Introdução aos Estudos Geográficos é o de questionar alguns conceitos centrais da análise geográfica como estratégia de reinterpretação desses conteúdos fora do senso comum.

Assim, a abordagem desses conceitos seguirá uma dupla perspectiva: uma aproximação teórica e conceptual; uma contextualização para o caso português.

A realização prevista de várias saídas de campo, pretende aproximar os alunos das realidades geográficas do território.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, João F. et all. (1994) - Regiões rurais periféricas: que desenvolvimento? Uma experiência no conceito de Almeida, CAIS e CIES, Lisboa

ASCHER, F. (1995) - Metropolis ou l'avenir des villes, Odile Jacob, Paris

BENKO, G.; LIPIETZ, A. (1994) - As Regiões Ganhadoras, Celta ed., Oieras

BORJA, J. et all (1990) - Las Grandes Ciudades en la Década de los Noventa, Ed. Sistema, Madrid

CAVACO, Carminda (1994) - Do despovoamento ao desenvolvimento local, Programa das Artes e Ofícios Tradicionais, Direcção Geral do Desenvolvimento Regional, Lisboa

DGOT-DU (1995) - As Regiões em Perda, DGOT, Lisboa

- GASPAR, Jorge (1993) - As regiões Portuguesas, Direcção Geral do Desenvolvimento Regional, Lisboa
- KAYSER, Bernard (1990) - La Renaissance Rurale. Sociologie des campagnes du monde occidental, Armand Colin, Paris
- OCDE (1995) - Créer des emplois pour le Développement Rural, OCDE, Paris
- PINDS, David (org.) (1994) - Europa Ocidental, Desafios e Mudanças, Celta ed., Oeiras
- RIBEIRO, Orlando (1945) - Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, Coimbra
- SALGUEIRO, T.B. (1992) - A cidade em Portugal, Afrontamento, Porto

INTRODUÇÃO À INFORMÁTICA

Docentes: Engº Domingos González Magalhães
Engº Carlos Alberto Paiva

1. Conceitos Básicos

1.1. Hardware.

1.1.1. Estrutura global de um computador.

1.1.2. Sistemas de numeração.

1.1.3. Sistemas de codificação.

1.2. Software.

1.2.1. Software de sistemas.

1.2.2. Software de aplicações.

1.2.3. Linguagens de programação.

1.2.4. Organizações de dados.

1.3. Processamento de dados.

1.3.1. Alogaritmo de resolução.

1.4. Redes de comunicação de dados.

2. Sistemas Operativos.

2.1. MS-DOS.

2.1.1. Estrutura hierárquica da informação.

2.1.2. Comandos primários.

2.1.3. DOSSHELL.

2.2. WINDOWS.

3. Aplicações.

3.1. Processador de texto.

3.2. Desenho.

3.3. Gerador de gráficos.

3.4. Folha de cálculo.

BIBLIOGRAFIA

FODWELL, Peter - Guia do Computador Pessoal, Lisboa, Editorial Verbo, 1985

SANDERS, Donald - Computers Today, McGraw-Hill, 1986

NORTON, Peter - Guia do DOS 5, Editora Campus, 1992

MINK, Carlos - Windows 3.1. sem Mistério, Editora Ciência Moderna, 1992

CRUMLISH, Christian - Word for Windows, FCA, 1993

LÍNGUA VIVA I (Instrumento de Trabalho) - Inglês
(Estudos Portugueses - LLM e Curso de Geografia)

Docente: Dr. Ian Charles Rowcliffe

English for Academic Purposes is a two year course designed to help students who need to use English in their study of other subjects. Students beginning the course have a varied degree of proficiency in English, some having studied English for three years, others for five or six years. Therefore, the level required in the first year is intermediate with scope for remedial work. The emphasis is placed on comprehension rather than on production and students are not expected to be able to speak or write English at the level of the reading passages. Material from the set books is supplemented with authentic material from the various courses the students are taking.

The course deals with the following topics in a spiral way:

1. Improving reading efficiency:

Reading with a purpose, active reading, looking for information under pressure - this means using pre-questions, predicting and abstracting the organisation and main ideas of a text, using the title, index and contents, surveying, scanning and skimming for content/specific ideas.

Interpretation of graphic presentation.

Guessing vocabulary from context and by using affixes and items.

2. Note taking:

From a text and from a lecture using branching notes and expanded notes.

The importance of semantic markers and semantic relationships as an aid to understanding and organisation. Again active listening and note taking is emphasised - anticipation is important.

The use of abbreviations in the interest of time and effort.

3. Taking part in seminars:

The language of discussion - statements of personal feelings/ fact/ opinion/action.

4. Writing an essay:

Research and use of the library.

Organisation - direction and content words.

Narrative, comparison, description, cause and effect, definition, implication and inference, illustration, analogy, evidence, and discussion.

Presentation.

BIBLIOGRAPHY

WALLACE, Michael J. - Study Skills in English, Cambridge, 1980

LONG, Michael H. - Reading English for Academic Study, Newbury House, 1980

LÍNGUA VIVA I (Instrumento de Trabalho) - Francês

O programa será entregue oportunamente pelo docente.

ÍNDICE

Métodos de Análise em Geografia	1
Elementos de Estatística Aplicada a Geografia	3
Geografia Física	5
Introdução à Geologia	10
Geografia Humana I	12
Introdução aos Estudos Geográficos	15
Introdução à Informática	17
Língua Viva I (Instrumento de Trabalho) - Inglês	18
Língua Viva I (Instrumento de Trabalho) - Francês	20

FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto



GUIA DO ESTUDANTE
XVII

Geografia
2º ano

CONSELHO DIRECTIVO
1996

Guia do Estudante da FLUP.GEO: 2º Ano
Vol.17, 1996-97
Publicação Anual

Planeamento e dactilografia:
Gab. de Extensão Cultural
Execução e Impressão: Oficina Gráfica
Tiragem: **150** exemplares

PROGRAMA

GEOGRAFIA HUMANA II

Docente: Dr^a Madalena Magalhães

1. Teoria dos Lugares Centrais

- 1.1. O modelo de Christaller;
- 1.2. Virtualidades analíticas do modelo;
- 1.3. Sistemas de cidades, hierarquias e redes de centros.

2. Elementos de Geografia Rural

- 2.1. Definição do espaço rural
- 2.2. As funções do espaço rural;
- 2.3. Agricultura e desenvolvimento rural.
- 2.4. Intervenções sobre o espaço rural - o caso da iniciativa Comunitária - Programa Leader em Portugal.

3. Elementos de Geografia Industrial

- 3.1. Industrialização e geografia industrial - teorias e modelos;
- 3.2. Factores de localização industrial;
- 3.3. Formas de organização da produção e modelos territoriais - do Fordismo ao Pós-fordismo e à especialização flexível dos Novos Distritos Industriais;
- 3.4. A abordagem da divisão espacial do trabalho.

Aulas Práticas (Avaliação Contínua)

1º Trabalho: Elaboração de uma análise demográfica para uma região (NUT III).

2º Trabalho: Avaliação do desempenho de centros urbanos de nível médio, da rede urbana do Continente, através de estudos de perfil funcional e cálculo de áreas de influência.

3º Trabalho: Caracterização das estruturas agrárias de uma região (NUT III ou IV) pelo estudo sistematizado de um conjunto de variáveis do Recenseamento Agrícola do Continente de 1989.

4º Trabalho: Analise do padrão de localização de um ramo industrial no Continente pelo estudo de algumas variáveis fundamentais (estabelecimentos em actividade, pessoal ao serviço, número de operários, operários segundo o género, formação bruta de capital fixo, etc..) para uma data recente.

BIBLIOGRAFIA

- ABLER, R.; ADAMS,; GOULD, P. - The Spatial organization of society. London, Prentice Hall, 1972.
- BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline - Geografia Urbana. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
- BENKO, Georges; DUNFORD, Mick - Industrial Change and Regional Development: the Transformation of New Industrial Spaces. Londres, Belhaven Press, 1991.
- CASTELLS, Manuel - High Technology, Economic Restructuring and the Urban-Regional process in the United-States in, CASTELLS, Manuel (Ed.) "High Tech., Space and Society", Beverly Hills, Sage, 1985. pp.11-20.
- CLAVAL, Paul-
- CHRISTALLER, Walter - The Central Places in Southern Germany. London, Prentice Hall, 1966.
- FERRÃO, João- Indústria e Valorização do Capital - Uma Análise Geográfica. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1987.
- GASPAR, Jorge - Portugal between centre and periphery in SHACHAR, Arie; ÖBERG, Sture "The World Economy and the spatial Organization of Power". Aldershot, Gower Publishing Company, Ld. 1990.
- GASPAR, Jorge - The New Map of Portugal in, HEBBERT, Michael; HANSEN, Jens Christian (Ed.)-"Unfamiliar Territory. The Reshaping of European Geography." Aldershot, Avebury. Gower, 1990. p.85- 100.
- GASPAR, Jorge M. B. - Geografia e Ordenamento do Território. Dos Paradigmas aos Novos Mapas. "Colóquio/Ciências".1993.n.13.pp.51 -66.
- GOULD, P. - The Geographer at work. London, Routledge and Kegan Paul, 1985.
- GREGORY, Derek; WALFORD, Rex; (Ed.)- Horizons in Human Geography. Londres, Macmillan, 1990.
- GREGORY, Derek; URRY, John (Ed) - Social Relations and Spatial Structures. Londres, Macmillan, 1985.
- HARVEY, David - The Limits to Capital. Oxford, Basil Blackwell Pub. Ld, 1984.
- "- Social Justice and the city. London, E. Arnold, 1971.
- HEBBERT, Michael; HANSEN, Jens Christian (Ed.) - Unfamiliar Territory. The Reshaping of European Geography. Aldershot, Avebury. Gower, 1990.
- JOHNSTON, R.J. (Ed.) - The Future of Geography. London, N.Y., Methuen, 1985.

- JOHNSTON, R.J. - Geography and Geographers - Anglo-American Human Geography since 1945. London, E. Arnold, 1979.
- JOHNSTON, R.J.; TAYLOR, P.J. (Eds)- A World in Crisis? Geographical Perspectives. Oxford: Basil Blackwell, 1989.
- JOHNSTON, R.J.; GREGORY, D.; SMITH, D.M. - Diccionario de Geografia Humana. Madrid, Alianza Editorial, 1987.
- MARSHALL, Michael- Longwaves of Regional Development. Londres, Macmillan, 1985.
- MASSEY, Doreen - New Directions in Space. in GREGORY, Derek; URRY, John - "Social Relations and Spatial Structures". Londres, Macmillan, 1985.
- MASSEY, Doreen - Spatial Division of Labour: Social Structures and the Geography of Production. Londres, Macmillan, 1984.
- PEET, Richard; THRIFT, Nigel (Ed.) - New Models in Geography: the political-economy perspective. London, Unwin Hyman Ltd., 1989.
- PIORE, Michael; SABEL, Charles F.- The Second Industrial Divide: Possibilities for Prosperity. Nova Iorque, Basic Books, 1984.
- RODRIGUES, Maria João - O Sistema de Emprego em Portugal: Crise e Mutações. Lisboa, Publicações D. Quixote, 1988.
- SCOTT, A.J. - Flexible production systems and regional development: the rise of new industrial spaces in North America and Western Europe. "International Journal of Urban and Regional Research" 1988. vol.12. p.171- 185.
- SCOTT, Allen J. - Metropolis. From the Division of Labor to Urban Form. Berkley e Los Angeles, University of California Press, 1988.
- SCOTT, Allen J.; STORPER, Michael (Ed.) - Production, Work and Territory: The Geographical Anatomy of Industrial Capitalism. Londres, Allen and Unwin Publis. L.td., 1986.
- SOJA, EDWARD W. - The Socio-spatial Dialetic. "Annals of the Association of American". vol.70. n.2. June 1980. p.207-225.
- STORPER, Michael; WALKER, Richard - The Capitalist Imperative. Territory, Technology and Industrial Growth. New York, Oxford, Basil Blackwell, 1989.
- THRIFT, Nigel; WILLIAMS, Peter (Ed.) - Class and Space. The making of Urban Society. London, Routledge and Kegan Paul, Ltd., 1987.
- WEBER, Alfred - Theory of the Location of Industries. Chicago e Londres, The University of Chicago Press, 1969.
- WOODS, R.I. - Population Analysis in Geography. London, Longman, 1979.

GEOGRAFIA FÍSICA II

Docente: Dr. Carlos Bateira

Aulas Teóricas

1. Epistemologia da Geomorfologia.
2. Geomorfologia estrutural.
 - 2.1. A importância da estrutura geológica.
 - 2.2. As formas estruturais elementares
 - 2.3. As grandes unidades morfo-estruturais.
3. Geomorfologia climática.
 - 3.1. Relação do relevo com o clima.
 - 3.2. Os grandes domínios morfo-climáticos.
 - 3.3. As heranças morfo-climáticas.
4. Geomorfologia dinâmica.
 - 4.1. Noção de processo morfogenético.
 - 4.2. Os factores intervenientes na actuação dos processos morfogenéticos.
 - 4.3. Os processos morfogenéticos e as suas implicações geomorfológicas.
5. A geomorfologia, o homem e o equilíbrio ambiental.
 - 5.1. O homem como interveniente na evolução geomorfológica actual.
 - 5.2. Os processos morfogenéticos actuais e o ordenamento do território.

Aulas práticas

1. Caracterização morfo-estrutural de uma região, com base na cartografia e fotografia área disponível.
2. Estudo morfométrico de uma bacia hidrográfica.
3. Iniciação à sedimentologia. Utilização de técnicas laboratoriais.

Nota: 1. Serão feitas, sempre que possível, saídas de campo às áreas em estudo nas aulas práticas.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- BIRD, E. C. F. - Coastal Landforms, Camberra, 1965
- BIROT, P. - Les processus d'érosion à la surface des continents, Paris, 1981
- BRUNSDEN, D. et al. - Slope instability, New York, 1984
- CAILLEUX, A. - Géologie générale, Paris, Masson, 1976
- CAMPY, M. et al. - Géologie des formations superficielles: géodynamique - faciès - utilisation, Paris, 1989
- COQUE, Roger - Géomorphologie, Paris, 1977
- DERRUAU, M. - Précis de géomorphologie, 2^a edição, Paris, Masson, 1972
- DRDOS, J. - Landscape synthesis: Geoeological foundations of the complex landscape management, Bratislava, 1983
- FLAGEOLLET, Jean-Claude - Les mouvements de terrain et leur prévention, Paris, 1988
- GREGORY, K. J. and WALLING, D. E. - Drainage Basin - Form and Process, a Geomorphological Approach, Londres, Edward Arnold, 1981
- IMESON, Anton C. et al. - Geomorphic processes, Catena supplement, 12, 13, 1988
- MATTAUER, M. - Les déformations des matériaux de l'écorce terrestre, Paris, 1980
- MORISAWA, M. - Rivers. Form and Process, New York, 1975
- ROUGERIE, Gabriel et al. - Géosystèmes et paysages: Bilan et méthodes, Paris, 1991
- STRAHLER, Arthur N. - Physical Geography, New York, 1975
- STRAHLER, A. et al. - Environmental geoscience: interaction between natural systems and Man, New York, 1973
- TRICART, Jean - Précis de géomorphologie, Vol. I, II e III, Paris, 1968
- TRICART, J.; CAILLEUX, A. - Introduction à la Géomorphologie Climatique, Paris, 1965

ELEMENTOS DE BIOGEOGRAFIA

Docente: Prof^a Doutora Nicole F. Devy-Vareta

I. Introdução: Biogeografia, Ciências Naturais e Ciências Sociais
Âmbito e evolução da Biogeografia. orientação específica dada nesta disciplina.

II. Noções de base sobre espécies e comunidades vegetais

1. Métodos de análise na abordagem do ambiente e da vegetação
2. Noção de formação vegetal
3. Evolução da vegetação e intervenções humanas

III. Factores físicos e ecológicos de desenvolvimento e repartição da vegetação

1. Noção de factor ecológico
2. Factores bióticos e abióticos
3. Factor edáfico
4. Alguns factores de origem antrópica

IV. A distribuição dos principais biomas continentais

1. Problemas de nomenclatura e classificação das formações vegetais: escala e sistematização.
2. Repartição zonal e regional dos principais biomas: florestas; estepes e pradarias; savanas; formações arbustivas e "matos"; tundras; desertos

V. Estudo regional: as formações vegetais na Europa e Portugal Continental

1. Caracterização bioclimática e repartição das formações vegetais da Europa
2. Os contrastes na distribuição da vegetação em Portugal
3. Floresta e política florestal em Portugal

Aulas teórico-práticas e práticas:

Biogeografia e Ecologia; organização do reino vegetal, elementos de biologia vegetal e fotossíntese (1º semestre); evolução da cobertura vegetal em algumas áreas da Europa e de Portugal (2º semestre)

BIBLIOGRAFIA

- BRAQUE, René - Biogéographie des continents, Paris, Masson, 1988
- COSTA, J. Botelho da - Caracterização e constituição do solo, Lisboa, Gulbenkian, 1985
- DANSEREAU, P. - Biogeography, an ecological perspective, New York, Ronald Press, 1957, 394 p.
- DELÉAGE, Jean-Paul - História da Ecologia. Uma ciência do homem e da natureza, Lisboa, D. Quixote, 1993, 276 p. [1^a ed. francesa, 1991]
- DUCHAUFOUR, Philippe - Pédologie, Paris, Masson-Abrégés, 1984, 220 p.
- DUVIGNEAUD, P. - A Síntese Ecológica, Lisboa, Sociocultur, 1975, 1º vol.
- ELHAI, H. - Biogéographie, Paris, Colin U, 1968, 404 p.
- FISCHESSER, Bernard - Conhecer as árvores, Lisboa, Europa América, Col. Euragro, 1991, 2^a ed., 273 p.
- LACOSTE, A.; SALONON, R. - Biogeografia, trad. castelhana, Barcelona, Oikos-Tau, [várias edições, a partir de 1973]
- MARGALEF, R. - Ecologia, 1^a ed., Barcelona, Omega, 1974, 951 p.; 5^a ed., 1986, 951 p.
- MELO, João Joana de; PIMENTA, Carlos - Ecologia e Ambiente, Lisboa, Difusão Cultural, 1993, 191 p.
- MOREIRA-LOPES, M.E. - Vegetação em Portugal, Lisboa, CEG, 2 vols., 1981
- ODUM, Eugene P. - Fundamentals of Ecology, 3^a ed., Filadélfia, Saunders, 1971, 639 p.; trad. port.; Fundamentos de Ecologia, 3^a ed., Lisboa, Fund. C. Gulbenkian, 1988, 595 p.
- " - Basic Ecology, New York, CBS College Publishing, 1^a ed., 1983; trad. brasil; Ecologia, Rio de Janeiro, Interamericana, 1985, 434 p.
- OZENDA, P. - Les végétaux dans la biosphère, Paris, Dion, 1982, 431 p.
- PESSOA, Fernando - Ecologia e Território, Porto, Afrontamento, 1985, 122 p.
- POLUNIN, O. - Arboles e arbustos de Europa, Barcelona, Omega, 1984
- RIBEIRO, O. e LAUTENSACH, H. - Geografia de Portugal, Comentários e actualização de S. Daveau, Lisboa, Sá da Costa, Vol. II: O ritmo climático e a paisagem, Capítulo VI, 1988
- ROUGERIE, G. - Géographie de la Biosphère, Paris, Colin U, 1988, 288 p.
- SACARRÃO, Germano da Fonseca - O ecossistema e o meio físico, Lisboa, Com. Nac. Ambiente, 191 p.

SIMMONS, Ian G. - Biogeographical processes, Londres, G. Allen and Unwin, 1982

STRAHLER, Arthur N. - Geografia física, 2^a ed. castel., 1989 (capítulos sobre Biogeografia e Solos).

WALTER, Heinrich - Vegetação e zonas climáticas. Tratado de ecologia global, trad. do original alemão (1984), São Paulo, Ed. Pedagógica e Universitária, 1986, 325 p.

Nota: Outras referências bibliográficas serão fornecidas durante o ano lectivo, nomeadamente no que se refere à vegetação de Portugal.

FORMAÇÃO DO MUNDO MODERNO E CONTEMPORÂNEO

Docente: Dr^a Helena Osswald

1. Tempo e Espaço em História

- 1.1. objectos de observação.
- 1.2. métodos de observação.

2. Enquadramento de Portugal

- 2.1. na Europa.
- 2.2. no Império.

3. Estruturas populacionais

- 3.1. os números.
- 3.2. as densidades.
- 3.3. estabilidade e crises.
- 3.4. mobilidades.

4. Estruturas económicas

- 4.1. o peso da economia agrícola.
- 4.2. indústria - de que tipo?
- 4.3. os mercados.
- 4.4. os meios de comunicação.

5. O mundo rural

- 5.1. propriedade e estrutura fundiária.
- 5.2. produção e rendas.

6. O mundo urbano

- 6.1. cidades e privilégios.
- 6.2. funções.
- 6.3. debilidades do tecido urbano.

7. Os poderes

- 7.1. poder central e local.
- 7.2. divisões e "sobreposições".
- 7.3. o público e o privado.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BRAUDEL, F. - O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico no tempo de Filipe II, Ed. Quixote, 1989
" - Gramática das Civilizações, Ed. D. Quixote, 1992
HESPANHA, A.M. - História das Instituições, Almedina, 1982
MATA, E.; VALÉRIO, N. - História Económica de Portugal, Presença, 1994
MATTOSO, J. (dir.) - História de Portugal, Ed. Estampa, 1994 (vol. 3 a 5)
MARQUES, A.H. - História de Portugal, Pallas Ed., 1976
RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. - Geografia de Portugal, Ed. J. Sá da Costa, 1989

GEOGRAFIA DOS RECURSOS NATURAIS

Docentes: Prof^a Doutora Ana Monteiro
Dr^a Edite Velhas

TEÓRICAS

I. A Geografia dos Recursos Naturais - enquadramento teórico-metodológico no Curriculum de Geografia

1. Evolução dos conceitos de "Recurso", "Recurso Natural" e "Recurso Natural Não Renovável" no contexto histórico, político, económico e social, ao longo dos últimos anos.
2. A distribuição dos recursos naturais como elemento determinante de diferenciações na organização do(s) espaço(s).
 - 2.1. Evolução histórica do conceito de "posse" dos recursos naturais.
 - 2.2. Coincidências e discordâncias espaciais entre o grau de desenvolvimento económico e a distribuição global dos "recursos naturais".

II. O Clima e a Qualidade do Ar na Gestão Ambiental

1. O Clima enquanto "recurso natural" para uma gama diversificada de actividades sócio-económicas.
 - 1.1. Limites de resistência e adaptabilidade do corpo humano às condições climatológicas.
 - 1.2. Limiares de conforto para o desempenho de algumas actividades.
 - 1.3. Paroxismos climáticos.
2. A Qualidade do Ar enquanto "recurso natural" indispensável.
 - 2.1. Compostos químicos da atmosfera: poluentes vs. não poluentes.
 - 2.2. Critérios de classificação de poluentes.
 - 2.3. Fontes e processos de remoção de alguns gases da atmosfera.
 - 2.4. Limiares de toxicidade estabelecidos pelas Directivas Comunitárias, pela O.M.S. e pela Legislação Portuguesa, para alguns compostos químicos da atmosfera.
- 2.5. Exemplos dos efeitos na saúde provados pela degradação da qualidade do ar.
3. A modificação da composição química da Atmosfera e as manifestações de mudança climática.

III. A Água e os Solos na Gestão Ambiental

1. O ciclo hidrológico na natureza e o papel da vegetação e do solo.

1.1. Processos de hidrologia de solos e formação do escoamento.

2. Modificações do escoamento em bacias hidrográficas sujeitas a intervenção humana.

3. Vegetação, Solos e Qualidade da água - padrões de poluição e de gestão.

4. Água e Desenvolvimento Sócio-Económico - Interacções do desenvolvimento urbano e industrial com o planeamento e gestão dos recursos hídricos.

5. Gestão dos recursos Água e Solos em áreas sensíveis: os países do Sul da Europa.

5.1. Erosão do solo.

5.2. Regularização de rios.

5.3. Política e Tratados internacionais.

5.4. Aletração climática e gestão dos recursos hídricos.

PRÁTICAS

Trabalho prático a desenvolver ao longo do ano e cujo tema central será um dos Recursos naturais tratado nas aulas teóricas, aplicado ao Noroeste Português, numa escala de análise a definir com os alunos.

A ênfase será colocada, sequencialmente, na obtenção de dados e fontes documentais nos Organismos e/ou Instituições apropriados a cada caso, de modo a estabelecer um Inventário sobre o estado do recurso; na análise de instrumentos fundamentais de ordenamento do território; no tratamento estatístico e cartográfico da informação/dados revelantes.

BIBLIOGRAFIA

ALBALADEJO, J.; STOCKING, M.A.; DIAZ, E. (Eds.) (1990) - Degradación y Regeneración del Suelo en Condiciones Ambientales Mediterráneas. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid

BARRÈRE, M. (ed.) (1992) - Terra Património Comum. Instituto Piaget, Lisboa

BRYSON, R. A.; MURRAY, T.J. - Climate of hunger. Wisconsin University Press, Wisconsin

C.C.E. (1991) - Livro Verde sobre o Ambiente Urbano. Direcção-Geral do Ambiente, Segurança Nuclear e Protecção Civil, Bruxelas

CHANDLER, T.J. (1970) - The management of climatic resources, (an inaugural lecture delivered at University College London), H.K. Lewis & Co, London

CLARK, W.C.; MUNN, R.E. (eds.) (1986) - Sustainable development of Biosphere. IIASA, Cambridge University Press, Cambridge

COSTA, J. Botelho da (1991) - Caracterização e Constituição do Solo, 4^a ed., F. Calouste Gulbenkian, Lisboa

CUNHA, L. Veiga; GONÇALVES, A. Santos; FIGUEIREDO, V. Alves; LINO, Mário (1980) - A Gestão da Água. Princípios fundamentais e sua aplicação em Portugal. F. Calouste Gulbenkian, Lisboa

DUNNE, T.; LEOPOLD, L. (1978) - Water in Environmental Planning. W.E. Freeman & Company, San Francisco

FORBES, D.K. (1989) - Uma visão crítica da geografia do subdesenvolvimento. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro

FOTH, Henry D. (1984) - Fundamentals of Soil Science, 7^a ed., J. Wiley & Sons, U.S.A.

FRANK, A.G. (1977) - Acumulação, dependência e subdesenvolvimento. Iniciativas Editoriais, col. séc. XX/XXI, Lisboa

GLEICK, Peter H. (ed.) (1993) - Water in Crisis. A guide to the world's fresh water resources. Oxford University Press, Oxford

GOUDIE, A. (1990) - The Human Impact on the Natural Environment, 3rd. edition, Blackwell Ltd., Oxford

HENRIQUES, A. Gonçalves (1985) - Avaliação dos Recursos Hídricos de Portugal Continental. Contribuição para o Ordenamento do Território. Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, Lisboa.

HOLDGATE, M.W. (1980) - A perspective of environmental pollution. Cambridge University Press, Cambridge

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (1990) - Climate Change - the IPCC Scientific Assessment. WMO/UNEP, Cambridge University Press, Cambdrige

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (1992) - Climate Change 1992 - the IPCC Scientific Assessment, (supplementary report), WMO/UNEP, Cambridge Press, Cambridge

JANEIRO, A. (1987) - Qualidade das Águas em Portugal Continental, SEARN, Lisboa

KATES, R.W.; AUSUBEL, J.H.; BERBERIAN, M. (eds.) (1985) - Climate Impact Assessment. Scope 27, J. Wiley & Sons, Chichester

LENCASTRE, A.; FRANCO, F.M. (1984) - Licões de Hidrologia. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa

- MARTINS, A. Carvalho (1990) - A Política de Ambiente da Comunidade Económica Europeia. Coimbra Editora, Coimbra
- MASCARÓ, Lúcia R. (1983) - Luz, clima e arquitectura. Livraria Nobel S.A., São Paulo
- MATHER, J.R. (1974) - Climatology, fundamentals and applications. McGraw-Hill, New York
- MAUNDER, W.J. (1970) - The value of the weather. Methuen, London
- MCLAREN, Digby J.; SKINNER, Brian J. (eds.) - Resources and World Development. John Wiley & Sons, Chichester
- MINISTRY of HEAKTH and ENVIRONMENTAL PROTECTION (1980) - Handbook of Emission Factors. Non-Industrial Sources. The Hague
- MOLCHANOV, A.A. (1971) - Hidrologia Florestal. F. Calouste Gulbenkian, Lisboa
- MORGAN, R.P.C. (1979) - Soil Erosion. Longman, London
- NEWSON, M. (ed.) (1992) - Managing the Human Impact on the Natural Environment. Patterns and Processes. Behaven Press, London
- NEWSON, M. (1992) - Land, Water and Development. River Basin systems and their sustainable management. Routledge, London
- O'RIORDAN, T. (1983) - Environmentalism, 2^a ed., Pion Limited, London
- PARDAL, Sidónio Costa (1988) - Planeamento do território. Instrumento para a análise física. Livros Horizonte, Lisboa
- PARTIDÁRIO, M^a Rosário; JESUS, Júlio (eds.) (1994) - Avaliação do Impacte Ambiental. Conceitos, procedimentos e aplicações. CEPGA, Lisboa
- PEREZ-TREJO, F. (1992) - Desertification and Land Degradation in the European Mediterranean. European Comission, Directorate General XII. Science, Research and Development
- QUINTELA, A. Carvalho (1967) - Recursos de Água Superficiais em Portugal Continental, s/ed., Lisboa
- ROSE, J. (ed.) (1983) - Trace elements in health. Butterworth & Co, London
- ROWLAND, Anthony J.; COOPER, Paul (1983) - Environmental and health. Edward Arnold, London
- SCORER, Richard (1968) - Air pollution. Pergamon Ltd, Oxford
- SIMMONS, I.G. (1981) - The Ecology of Natural Resources. 2nd. edition, Edward Arnold, London

GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO

Docente: Dr^a Fantina Tedim Pedrosa

AULAS TEÓRICAS

1. A Geografia da População: conceitos básicos e fundamentos metodológicos
2. A distribuição espacial da população mundial
 - 2.1. Contrastes existentes e factores explicativos
 - 2.2. População-Recursos: um "equilíbrio" fragilizado
 - 2.3. População-ambiente: preservação, degradação e recuperação ambiental
3. O crescimento da população mundial e o modelo de transição demográfica
 - 3.1. Evolução da população mundial e desigualdades espaciais de crescimento demográfico
 - 3.2. A teoria da transição demográfica e os estados de evolução demográfica das populações
4. A mobilidade espacial das populações
 - 4.1. As formas de mobilidade das populações
 - 4.1.1. Os movimentos habituais
 - 4.1.2. As migrações internas e externas
 - 4.2. Causas e consequências dos movimentos da população
5. As políticas de população
 - 5.1. Nos países desenvolvidos
 - 5.2. Nos países do Terceiro-Mundo

AULAS PRÁTICAS

1. Fontes para o estudo da população
 - 1.1. Os recenseamentos
 - 1.2. Estatísticas demográficas e os registos civis

- 1.3. Inquéritos e sondagens
 - 1.4. Outras fontes
2. Métodos de análise e de representação gráfica dos fenómenos demográficos
 - 2.1. Princípios de análise demográfica
 - 2.1.1. Diagrama de Lexis
 - 2.1.2. Taxas e quocientes
 - 2.1.3. Análise longitudinal e transversal
 - 2.2. Representação gráfica dos fenómenos demográficos e da sua distribuição espacial
3. A distribuição espacial da população
 - 3.1. Conceitos básicos
 - 3.2. Análise da distribuição espacial da população e sua representação cartográfica
 - 3.3. Métodos de análise da natalidade e mortalidade
4. O estudo das estruturas demográficas
 - 4.1. Indicadores analíticos
 - 4.2. Indicadores sintéticos
 - 4.3. Análises multidimensionais
5. O estudo da mobilidade espacial
 - 5.1. As formas de mobilidade e métodos directos e indirectos de avaliação da sua intensidade
 - 5.2. Representação cartográfica dos movimentos demográficos
 - 5.3. Campos, redes e modelos migratórios
6. Previsões, projecções e modelos de população

BIBLIOGRAFIA

- CARRILHO, M^a José e CONIM, Custódio (1989)- Situação demográfica e perspectivas de evolução Portugal, 1960-2000, Instituto de estudos para o desenvolvimento, Lisboa
- CASSEN, R. (1994) - Population and Development: Old Debates, New Conclusions, Overseas Development Council, Washington, DC
- CLARK, John (1972)- Population Geography, Pergamon Press, Oxford
- COUGEAU, Daniel(1982)- Méthodes de mesure de la mobilité spatiale, migrations internes,mobilité temporaire, navettes, INED, Paris

" (1988)- Analyse quantitative des migrations humaines, Masson, Paris
DUMONT, G.-F (1992)- Démographie. Analyse des populations et Démographie économique, Dunod, Paris

Ministerio de trabajo y seguridad social(coord), (1993) - Europa en el movimiento demográfico. Los sistemas de pensiones y la evolución demográfica, Madrid

OCDE (1988)- Le vieillissement démographique. Conséquences pour la politique sociale, Paris.

NAZARETH, J. M. (1982)- Explosão familiar e planeamento familiar, Ed. Presença, Lisboa.

" (1988)- Princípios e métodos de análise da demografia portuguesa, Ed. Presença, Lisboa.

" (1988) - Unidade e diversidade da Demografia portuguesa no final do século XX, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

NOIN, Daniel (1983) - La transition démographique dans le monde, Puf, Paris

" (1987) - La population de la France, Masson, Paris

" (1988) - Géographie de la population, Masson, Paris
PRESSAT, Roland (1978) Démographie Sociale, Puf, Paris,

PLAINE, David; ROGERSON, Peter (1994) - The Geographical analysis of Population. With applications to Planning and Business, John Wiley & Sons, New York

PRESSAT, Roland (1978)- Démographie Statistique, Puf, Paris.

POULALION, Gabriel (1984)- La science de la population, Litec, Paris.

TAPINOS, Georges (1985) -Éléments de Démographie, Armand Colin, Paris

THUMERELLE, P-J, NOIN, D.(1993)- L'étude géographique des populations, Masson, Paris.

THUMERELLE, P-J(1986)- Peuples en mouvement. La mobilité spatiale des populations, SEDES, Paris

WOODS R. (1979) - Population analysis in Geography, Longman, Londres.

" (1982) - Theoretical Population Geography, Longman, Londres.

A AGRICULTURA NA UNIÃO EUROPEIA

Docentes: Prof^a Doutora Rosa Fernanda Moreira da Silva
Dr^a Maria Helena Mesquita Pina

AULAS TEÓRICAS

I^a PARTE

1. A Política Estrutural Comunitária.
2. As Perspectivas de Reforma da PAC.
3. A necessidade de uma Política Nacional de Desenvolvimento para a nossa Agricultura face à União Europeia.

II^a PARTE

1. A importância da Agricultura Comunitária no contexto mundial.
2. A situação actual da Agricultura na União Europeia.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- VARELA, J.A. Santos - A Política Agrícola e a sua aplicação à Agricultura Portuguesa, Pub. Dom Quixote, Biblioteca de Economia e Gestão
- LABORI, Michel e BOURDELIN, Dider - L'Europe des Douze - Une Puissance Mondiale en Devenir?, Ellipses, Paris, 1986
- RAOUX, Alain e TERRENOIRE, Alain - A Europa e Maastricht, Biblioteca de Economia, Pub. Dom Quixote, 1993

Relatórios sobre:

"A situação da Agricultura na União Europeia", Bruxelas, 1994

AULAS PRÁTICAS

A agricultura portuguesa nas duas últimas décadas.

1. Algumas questões metodológicas.
2. A informação estatística disponível.
 - 2.1. As Estatísticas Agrícolas.

2.2. O Recenseamento Agrícola de 1979.

2.3. O Recenseamento Agrícola de 1989.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Estatísticas Agrícolas, I.N.E.

Recenseamento Agrícola de 1979, I.N.E., Lisboa

Recenseamento Agrícola de 1989, I.N.E., Lisboa



ÍNDICE

Geografia Humana II	1
Geografia Física II	4
Elementos de Biogeografia	6
Formação do Mundo Moderno e Contemporâneo	9
Opções	
Geografia dos Recursos Naturais	11
Geografia da População	15
Agricultura na União Europeia	18

FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto



**GUIA DO ESTUDANTE
XVII**

**Geografia
3º ano**

**CONSELHO DIRECTIVO
1996**

Guia do Estudante da FLUP.GEO: 3º Ano
Vol.17, 1996-97
Publicação Anual

Planeamento e dactilografia:
Gab. de Extensão Cultural
Execução e Impressão: Oficina Gráfica
Tiragem: **140** exemplares

PROGRAMA



GEOGRAFIA HUMANA DE PORTUGAL

Docentes: Prof^a Doutora Rosa Fernanda Moreira da Silva
Dr^a Helena Pina

TEÓRICAS

O Espaço Português na Actualidade

1. Portugal, um espaço de contrastes regionais.

1.1. Regionalização.

1.1.1. Propostas de regionalização.

1.1.2. Regionalização e o desenvolvimento sócio-económico do País. Os Planos Integrados e os Planos Directores Municipais.

1.2. Política Agrícola

1.2.1. Estruturas agrárias, diversidade e mutação.

1.2.2. Reflexos da Integração na Comunidade Europeia.

1.3. As comunicações.

Evolução das redes e meios de transporte em Portugal.

Os transportes e as diferentes formas de organização do espaço...

Problemas, intervenções e projectos no âmbito dos transportes e telecomunicações.

1.4. Condicionantes e algumas características do crescimento da indústria em Portugal

1.5. A expansão urbana e as grandes alterações desde a década de 60 à actualidade.

2. Portugal e o Mercado mundial

BIBLIOGRAFIA GERAL

RIBEIRO, Orlando e outros - Geografia de Portugal, Iº, IIº, IIIº e IVº Vol., Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1987 a 1991

VARELA, J.A. Santos - A Política Agrícola Comum e a sua aplicação à agricultura Portuguesa, Biblioteca Economia e Gestão, Pub. Dom Quixote, Lisboa, 1988

FERRÃO, João - Indústria e Valorização do Capital (Uma análise geográfica), Memórias do C.E.G., Nº11, Lisboa, 1987

SALGUEIRO, Teresa Margarida Barata - A cidade em Portugal, Edições Afrontamento, Cidade em Questão/8, Porto, 1992

PRÁTICAS

Análise de alguns tipos de espaços agrários minhotos e da Beira Interior.

1. Alguns aspectos da evolução demográfica recente.
2. Espaços agrários: a multiplicidade estrutural.
3. Reflexos da aplicação das directrizes comunitárias no espaço em análise.

Nota: Bibliografia específica será oportunamente fornecida pela docente no decorrer do ano lectivo.

GEOGRAFIA FÍSICA DE PORTUGAL

Docentes: Prof^a Doutora Maria da Assunção Araújo
Dr^a Laura Maria Soares

AULAS TEÓRICAS

. CARACTERIZAÇÃO GERAL E INTEGRAÇÃO DE PORTUGAL NA PENÍNSULA IBÉRICA

I. Introdução

1. Caracterização geral de Portugal. A necessidade de integrar Portugal na Península Ibérica.
2. A posição da Península Ibérica no contexto europeu e mundial.
3. Caracterização geral da Península Ibérica.

II. Traços gerais do clima da Península Ibérica

1. Principais factores do clima.
2. O contraste litoral-interior.
3. Ibéria húmida/Ibéria seca.
4. Alguns problemas hidrológicos da Península Ibérica.

III. Alguns aspectos do clima de Portugal

1. Análise da distribuição da temperatura e da precipitação em Portugal.
2. O clima de algumas estações portuguesas.
3. O clima da região do Porto.

. CARACTERIZAÇÃO GERAL E EVOLUÇÃO ANTE-EMESOZÓICA DO TERRITÓRIO DE PORTUGAL

I. A integração da Península Ibérica no quadro geológico europeu

II. Grandes conjuntos estruturais - plataformas e sistemas dobrados alpinos - caracterização geral

III. As grandes regiões estruturais de Portugal - apresentação geral

1. Maciço Hespérico.
2. Distinção entre os conceitos de Maciço Hespérico e de Meseta Ibérica.

IV. Maciço Hespérico

1. Características gerais e zonamento.
2. Zona Cantábrica.
3. Zona Oeste-Astúrico-Leonesa.
4. Sub-zona da Galiza média-Trás-os-Montes
5. Zona Centro-Ibérica.
6. Zona de Ossa-Morena.
7. Zona Sul Portuguesa.
8. Fracturação tardi-hercínica.
9. Análise global e comparação entre as diferentes zonas.
10. Reconstituição paleogeográfica do ciclo hercínico. Tentativa de síntese.

. A COBERTURA EPI-HERCÍNICA - EVOLUÇÃO MESOZÓICA

I. Introdução

1. Algumas reflexões sobre o conteúdo e a estruturação do tema 3.
2. A cobertura epi-hercínica - definição.

II. A evolução durante o Mesozóico

1. Visão de conjunto
2. Triássico e base do Liássico.
3. Liássico.
4. Dogger.
5. Malm.
6. Cretácico.
7. Cretácico terminal.
8. A actividade magmática no Mesozóico.
9. Síntese da evolução paleogeográfica durante o Mesozóico e suas relações com a abertura do Oceano Atlântico.

. A COBERTURA EPI-HERCÍNICA - EVOLUÇÃO FINI-MESOZÓICA E CENOZÓICA

I. Introdução

1. Algumas reflexões sobre as matérias incluídas no tema 4.

2. Bacias do baixo Tejo e do baixo Sado.
3. Os depósitos de cobertura no interior do Maciço Hespérico - características gerais e interesse geomorfológico.

II. Uma cobertura cretácea - o grés do Buçaco

III. Paleogénico

1. Paleogénico do interior do Maciço Hespérico (supre-Buçaco, arcoses de Coja e de Nave de Haver, arcoses da Beira Baixa).
2. Paleogénico da região de Lisboa - o Complexo de Benfica.

IV. Neogénico

1. Miocénico possível da Beira Baixa e da Beira Alta.
2. Neogénico da Bacia do Tejo.
3. O Neogénico da Estremadura.
4. A transição Pliocénico-Quaternário - as rañas.

V. Alguns aspectos da evolução geomorfológica durante o Terciário

1. A superfície da Meseta.
2. Relevos situados acima da superfície da Meseta.
3. Cordilheira Central.

VI. O Quaternário

1. O interesse do estudo do Quaternário.
2. Alguns vestígios glaciários em Portugal.
3. Manifestações periglaciárias.
4. Caracterização e evolução da plataforma litoral - o exemplo da região do Porto.

VII. Situação num contexto global e neotectónica

1. Sismicidade.
2. Neotectónica
3. A situação da Península Ibérica no contexto global das placas e a respectiva evolução geomorfológica.

BIBLIOGRAFIA

ALCOFORADO, M. J. - O Clima da Região de Lisboa - contrastes e ritmos térmicos, Memórias do C.E.G., nº15, Lisboa, 1992, 347 p.

ARAÚJO, M.A. - Evolução geomorfológica da plataforma litoral da região do Porto - Edição da autora, Porto, 1991, 534p., c/ anexos (87 p.) e 3 mapas fora do texto

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O ESTUDO DO QUATERNARIO (APEQ) - O Quaternário em Portugal - balanço e perspectivas, Ed. Colibri, Lisboa, 1993, 198 p.

BIROT, P. - Portugal, Col. Horizonte, Lisboa, 1950, 229 p.

BOSQUE MAUREL, JOAQUIN; VILA VALENTI, JOAN - Geografia de Espanha, vol.I, Geografia Física, ed. Planeta, Barcelona, 1989, 591 p.

BRITO, R. Soeiro et al. - Portugal: perfil geográfico, Col. Referência, Ed. Estampa, Lisboa, 441 p.

CABRAL, J.M.L.C. - Neotectónica de Portugal Continental, Tese - Fac. Ciências, dep. Geologia, Univ. Lisboa, 1993, 435 p.

CARVALHO, G. S.- Uma metodologia para o estudo dos depósitos do Quaternário "Arqueologia", n° 4, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (GEAP), Porto, 1981,p. 50-63

CUNHA, L. - As Serras Calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere - Estudo de Geomorfologia, Instituto Nacional de Investigação Científica, Geografia Física - 1 - Coimbra, 1990, 329 p. c/ 2 mapas fora do texto

COUDE-GAUSSEN, G.- Les serrras da Peneda et do Gerês, "Mem. C. E. G.", n°S, Lisboa, 1981, 254 p., 42 fotog.

DAVEAU, S.- Structure et relief de la Serra da Estrela (primeira parte), "Finisterra", Vol.IV, n°7, C. E. G., Lisboa, 1969, p.31-63

"- Structure et relief de la Serra da Estrela (segunda parte)
"Finisterra", Vol.IV, n°8, C. E. G., Lisboa, 1969, p.159-197

"- L'évolution géomorphologique quaternaire au Portugal
Supl. Bol. AFEQ, n° 50, INQUA, 1977

DAVEAU, S. et al. - Répartition et rythme des précipitations au Portugal
Memórias do C.E.G., n° 3, Lisboa, 1977, 189 p., e 4 mapas fora do texto

"- Mapas climáticos de Portugal, Memórias do C.E.G., n°7, Lisboa, 1985, 84 p. e 2 mapas fora do texto

DAVEAU, S., BIROT, P. & RIBEIRO, O.- Les bassins de Lousã et d'Arganil - recherches Géomorphologiques et Sédimentologiques sur le massif ancien et sa couverture à l'est de Coimbra, 2 Vols., Lisboa, C. E. G., 1985, 450 p.

FEIO, M. - Le bas Alentejo et l'Algarve. Reedição do livro guia do Congresso de Geografia de Lisboa, Inst. Nac. de Invest. Científica, C. Ecologia Aplicada, Univ. Évora, 1983, 207 p.

"- A evolução do relevo do Baixo Alentejo e Algarve, C.E.G., Lisboa, 1952, 186 p.

FERREIRA, A. B. - Planaltos e montanhas do norte da Beira, "Mem. C. E. G.", n° 4, Lisboa, 1978, 374 p.

"- Problemas de evolução geomorfológica quaternária do noroeste de Portugal, Cuadernos do Laboratorio Xeoloxico de Laxe, n° 5, VI Reunion do Grupo Espanol de Traballo de Quaternario, A Coruna, 1983, p. 311-330

FERREIRA, H.A. - Normais climatológicos do Continente, Açores e Madeira correspondentes a 1931-1960, "O Clima de Portugal", Fasc. XIII, 2^a ed., Lisboa, 1970, 207 p.

FERREIRA, D. B. - Notice de la carte géomorphologique du Portugal, Memórias do C. E. G., n° 6, Univ. Lisboa., 1981, 53 p.

GASPAR, J. - As regiões portuguesas, Direcção-Geral do Desenvolvimento Regional, Lisboa, 1993, 236 p.

LAUTENSACH, H. - Geografia de Espanha e Portugal, Ed. Vicens-Vives, Barcelona, 1967, 814 p.

MARTINS, A.F. - Macizo Calcário Estremenho - contribuição para um estudo de Geografia Física, Coimbra, 1949, 248 p.

MARTINS, A.F. - Le Centre littoral et le massif calcaire d'Estremadura, Livro guia da excursão b do Congresso Intern. Geografia, Lisboa, U. G. I., 1949, 109 p.

MEDEIROS, C.A. - Geografia de Portugal: ambiente natural e ocupação humana. Uma introdução, Imprensa Universitária, Ed. Estampa, Lisboa, 1994, 250 p.

MONTEIRO, A.M.R. - O clima urbano do Porto - contribuição para a definição das estratégias de planeamento e ordenamento do território; Porto, Fac. Letras, 1993, 436 p.

PEREIRA, A.R. - A Plataforma Litoral do Alentejo e Algarve Ocidental - Lisboa, Fac. Letras, ed. autora, 450 p.

PROENÇA CUNHA, P.M.R.R. - Estratigrafia e Sedimentologia dos Depósitos do Cretáceo Superior e do Terciário de Portugal Central, a Leste de Coimbra, Tese, Fac. Ciências e Tecnologia da Univ. de Coimbra, Dep. de Ciências da Terra, 1992, 262 p.

REBELO, F. - Serras de Valongo - estudo de Geomorfologia, Suplementos de "Biblos", n° 9, Univ. Coimbra, 1975, 194 p.

RIBEIRO, A. et al. - Introduction à la Géologie générale du Portugal, Serviços Geol. Portugal, Lisboa, 1979, 114 p.

RIBEIRO, A. - Contribution à l'étude tectonique de Trás-os-Montes Oriental, Mem. n° 24 (nova série), Serviços Geol. de Portugal, Lisboa, 1974,

167 p.

"- Néotectonique du Portugal, Livro de homenagem a O. Ribeiro, Lisboa, C. E. G., 1984, p. 173-182

"- A tectónica alpina em Portugal, "Geonovas", Vol. 10, Lisboa, 1988, p.9-11

RIBEIRO, O. - Le Portugal Central, Livro Guia da Excursão "C" do Congresso de Geografia de Lisboa, U. G. I., reeditado pelo C. E. G., Lisboa, 1982, 180 p.

"- Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, 5^a ed., Liv. Sá da Costa, Lisboa, 1987, 189 p.

RIBEIRO, O., LAUTENSACH, H., DAVEAU, S. - Geografia de Portugal. I. A posição geográfica e o território, Lisboa, Ed. Sá da Costa, 1987, 334 p.

RIBEIRO, O., LAUTENSACH, H., DAVEAU, S. - Geografia de Portugal. II. O ritmo climático e a paisagem, Lisboa, Ed. Sá da Costa, 1988, p.335-623

TEIXEIRA, C. - A evolução do território português no decurso dos tempos geológicos, Palestra" Rev. Ped. Cult., Vol. 28, Lisboa, 1966, p. 111-157

TEIXEIRA, C. & GONCALVES, F. - Introdução à Geologia de Portugal, Lisboa, Inst. Nac. Invest. Científica, 1980, 475 p.

VANNEY, J. R. & MOUGENOT, D. - La plate-forme continentale du Portugal et les provinces adjacentes, "Mem. Serv. Geol. Port.", n 28, Lisboa, 1981, 86 p., 41 fig.

AULAS PRÁTICAS

- Estudo geomorfológico de diferentes áreas do país, visando a aplicação de conhecimentos adquiridos previamente e de acordo com o conteúdo programático das aulas teóricas.

- Este estudo contemplará necessariamente:

. Análise Topográfica da área em estudo.

. Contexto estrutural: características litológicas e tectónicas. Onteiraão no domínio das regiões estruturais de Portugal e ligação aos principais aspectos da evolução geológica do território.

. Análise Morfológica.

. Elaboração de cartografia apropriada, passível de ilustrar as considerações teóricas expressas.

- A bibliografia a utilizar será definida durante as aulas práticas, de acordo com as áreas específicas de cada trabalho. De qualquer forma, salienta-se a importância de algumas das obras referidas para as aulas teóricas.

GEOGRAFIA ECONOMICA E SOCIAL

Docente: Dr. Helder Marques

1. A problemática do conhecimento científico nas ciências sociais.
2. Visão retrospectiva das grandes teorias económicas.
3. A componente espacial na teoria económica.
 - 3.1. Conceitos de base.
 - 3.2. Teoria de Localização e principais modelos subjacentes.
 - 3.3. Tendências actuais dos padrões locativos das actividades económicas.
4. Desenvolvimento/Subdesenvolvimento.
 - 4.1. A pluralidade do desenvolvimento.
 - 4.2. Indicadores de desenvolvimento.
 - 4.3. As dimensões geográfica e histórica referenciadas ao desenvolvimento económico e social no após-guerra.
 - 4.4. Desenvolvimento e planeamento: enfoque Nacional e Regional.

BIBLIOGRAFIA

BORDIEU, P. - Homo Academicus, Paris, EM, 1984

"- Questions de Sociologie, Paris, PUF, 1980

BENKO, Georges; LIPIETZ, Alain (orgs.) - As regiões ganhadoras, distritos e redes: os novos paradigmas da geografia económica, Celta Editora, oeiras, 1994

CLAVAL, Paul - Eléments de Géographie Économique, Paris, Génin, 1976

"- Eléments de Géographie Sociale, Paris, Génin, 1976

"- Les Mythes Fondateurs des Sciences Sociales, Paris, PUF, 1980

COSTA, C.; FIGUEIREDO, A. M. - Do subdesenvolvimento, Porto, 2 vol., Afrontamento, 1986

FERRÃO, João - Indústria e valorização do capital. Uma perspectiva geográfica, Lisboa, CEG, 1985

FORTUNA, Carlos - Desenvolvimento e Sociologia Histórica: acerca da teoria do sistema mundial capitalista e da semiperiferia, "Sociologia Problemas e Práticas", nº3, 1987, pp.163-195

- FREUND, Julien - Teoria das Ciências Sociais, Lisboa, Fermento, 1977
- GAROFOLI, Gioacchino - Modelli locali di sviluppo, Franco Angeli, Milão, 1994
- INNOCENTI, Raimondo (org.) - Piccola citta & Piccola impresa, Franco Angeli, Milão, 1991
- KHUN, T. - The Structure of Scientific revolution, Chicago, U.C.P., 2^a ed., 1970
- LACOSTE, Yves - Géographie du sou-dévelopemnt, Paris, PUF, 1981
- LEY, David; SAMUELS, Marwyn (ed.) - Humanistic Geography. Prospects and Problems, London, 1978
- NUNES, Sedas - Questões preliminares sobre ciências sociais, Lisboa, Presença, 1982
- PINDER, David (org.) - Europa Ocidental. desafios e mudanças, Celta Editora, Oeiras, 1994
- PIRES, Rui Pena - Diferenca e progresso: a tipologia tradicional/moderno na sociologia do desenvolvimento, "Sociologia Problemas e Práticas", nº3, 1987, pp.149-162
 " - Semiperiferia versus polarização? Os equívocos do modelo trimodal, "Sociologia Problemas e Práticas", nº8, 1992, pp.81-90
- POPPER, Karl - Objective knowledge, an evolutionary approach, Oxford, Oxford U.P., 1974
- REIS, José - Os espaços da indústria, a regulação económica e o desenvolvimento local em Portugal, ed. Afrontamento, Porto, 1992
- RICHARDSON, H.W. - Economia regional, Barcelona, 1976
- SANTOS, A. Santos; PINTO, J. Madureira - Metodologia das Ciências Sociais, Porto, Afrontamento, 1986
- SANTOS, Boaventura de S. - Estado e sociedade na semiperiferia do sistema mundial: o caso português, "Análise Social", nº87-88-89, 1985, pp.869-901
 " - Um discurso sobre as ciências, Porto, Afrontamento, 1987
 SANTOS, Milton - Les viles du tiers monde, Paris, Génin, 1971
 "- Espaço e Sociedade, Rio de Janeiro, F. Alves ed., 1979
 "- O espaço dividido, Rio de Janeiro, F. Alves Ed., 1979
- SMITH, David - Human Geography a welfare approach, London, 1977
 "- Industrial location, an economic Geographical Analysis, New York, 1971
- WALLERSTEIN, Immanuel - O sistema Mundial moderno, ed. Afrontamento, Porto, 1990
- WEBER, A. - Teorie and location of industries, Chicago, 1929

ANTROPOLOGIA SOCIAL E CULTURAL

Docente: Prof. Doutor António Custódio Gonçalves
Dr^a Maria Alice Duarte Silva

I. Teóricas

1. Introdução.
 - 1.1. Origens e desenvolvimento.
 - 1.2. Perspectiva integrativa e interdisciplinar.
2. A investigação antropológica.
 - 2.1. Recolha de dados, análise e interpretação.
 - 2.2. Experiência significativa.
 - 2.3. Tensões constitutivas da prática antropológica.
3. A trajectória das perspectivas teóricas.
 - 3.1. As perspectivas clássicas.
 - 3.2. Tendências actuais.
 - 3.3. A antropologia portuguesa.
4. A unidade e a diversidade cultural.
 - 4.1. O conceito antropológico de cultura.
 - 4.2. Identidade e alteridade.
 - 4.3. Memória social e memória cultural.
 - 4.4. A cultura portuguesa: identidades e diferenças.
 - 4.5. As minorias étnicas em Portugal.
5. Estruturas dinâmicas socioculturais.
 - 5.1. Família e parentesco e organização social.
 - 5.2. Mutações na família portuguesa e novos papéis sociais.
 - 5.3. Actividades económicas: economia tradicional e economia de mercado.
 - 5.4. Factores socioculturais e formas das casas tradicionais.
 - 5.5. Factores e tipos de povoamento rural.
 - 5.6. Poder e controlo social.
 - 5.7. Estruturação do tempo e do espaço.
 - 5.8. Ritos sociais, festividades cíclicas, religiosidade popular e romarias.

II. Práticas

1. Métodos e técnicas.
 - 1.1. A observação participante.
 - 1.2. A monografia social.
 - 1.3. Estudos etnobiográficos.
2. A trajectória da antropologia portuguesa.
 - 2.1. José Leite de Vasconcelos.
 - 2.2. Jorge Dias e Mendes Corrêa.
 - 2.3. A actual produção antropológica.
3. Culturas regionais portuguesas.
 - 3.1. Estruturas sociais.
 - 3.2. Propriedade e estratégias patrimoniais.

BIBLIOGRAFIA

- BALANDIER, G. - Antropologia política, Lisboa, Presença, 1987
- BERNARDI, B. - Introdução aos estudos etnoantropológicos, Lisboa, Edições 70, 1974
- BRETELL, Caroline - Homens que partem, mulheres que esperam, Lisboa, Dom Quixote, 1991
- BRITO, J. Pais de - Retrato de aldeia com capelho. Ensaio sobre Rio de Onor, Lisboa, Dom Quixote, 1996
- CLAVAL, P. - Geografia do Homem, Cultura, Economia e Sociedade, Coimbra, Almedina, 1987
- COPANS, J. et al. - Antropologia, ciência das sociedades primitivas?, Lisboa, Edições 70, 1974
- CUTILEIRO, J. - Ricos e pobres no Alentejo, Lisboa, Sá da Costa, 1977
- DIAS, J. - Rio de Onor. Comunitarismo agro-pastoril, Lisboa, Presença, 1981
- " - Vilarinho da Furna. Uma aldeia comunitária, Lisboa, I.N.C.M., 1981
- " - Estudos de Antropologia, Lisboa, I.N.C.M., 1990
- GONÇALVES, A. C. - Questões de Antropologia Social e Cultural, Porto, Edições Afrontamento, 1992
- MAUSS, M. - Ensaio sobre a dádiva, Lisboa, Edições 70, 1988
- Mc CREADY, William (ed.) - Culture, ethnicity and identity, Londres, Academic Press, 1983

- MOREIRA, C.D. - Planeamento e estratégias de investigação social, Lisboa, UTL, ISCSP, 1994
- OLIVEIRA, E. V. - Festividades cílicas em Portugal, Lisboa, Dom Quixote, 1984
- O'NEIL, B. J. - Proprietárias, lavradores e jornaleiras, Lisboa, Dom Quixote, 1984
- O'NEIL, Brian e Brito, Joaquim (orgs.) - Lugares de aqui, Lisboa, Dom Quixote, 1991
- PEREIRA, G.M. - Famílias portuenses na viragem do século (1880-1910), Porto, Afrontamento, 1995
- PICÃO, J. S. - Através dos campos: usos e costumes agrícola-alentejanos, Lisboa, Dom Quixote, 1983
- PINA-CABRAL, J. - Filhos de Adão, Filhas de Eva. A visão do mundo camponesa no Alto Minho, Lisboa, Dom Quixote, 1989
- " - Os contextos da antropologia, Lisboa, Digel, 1991
- POIRIER, J. et al. - Les récits de vie. Théorie et pratique, Paris, PUF, 1983
- Histórias de vida. Teoria e prática, Ed. Celta, 1995
- RIBEIRO, O. e LAUTENSACH, H. - Geografia de Portugal, Vol. III. O Povo Português; Vol. IV. A Vida Económica e Social, Lisboa, Sá da Costa, 1989 e 1991
- SAMPAIO, A. - As vilas do Norte de Portugal, Lisboa, Vega, 1979
- SANCHIS, P. - Arraial, festa de um povo, Lisboa, Dom Quixote, 1983
- SALGUEIRO, T.B. - A cidade em Portugal. Uma geografia urbana, Porto, Afrontamento, 1992
- SILVA, A.S. e PINTO, J.M.(orgs.) - Metodologia das Ciências Sociais, Porto, Afrontamento, 1986
- TOLOSANA, C. - Antropologia cultural de Galicia, Madrid, Akal, 1979
- WIEVIORKA, M. (dir.) - Racismo e modernidade, Bertrand ed., 1995

INTRODUÇÃO ÀS CIENCIAS DA EDUCAÇÃO

Docentes: Mestre Eugénia Vilela
Mestre Paula Cristina Pereira
Mestre Maria João Couto

1. Problemática histórica e sociológica

- 1.1. A educação como um direito social e humano.
- 1.2. A institucionalização escolar da educação.
 - 1.2.1. Algumas teses sobre o estatuto da escola
- 1.3. A relação Escola/Cultura/Sociedade: as principais perspectivas da Sociologia da Educação.
 - 1.3.1. O papel da cultura escolar.
 - 1.4. Génese e desenvolvimento dos modelos educativos e escolares:
 - 1.4.1. Matrizes culturais da educação contemporânea.
 - 1.4.2. Evolução do estatuto da função docente e a emergência de um saber educacional específico.

2. Problemática pedagógica

- 2.1. Alguns quadros de classificação das correntes pedagógicas.
- 2.2. A crise da pedagogia tradicional: seu sentido e actualidade.
- 2.3. A antinomia directividade/ não directividade e as tentativas contemporâneas para a sua superação.
- 2.4. Características e significado da(s) pedagogia(s) do projecto.
- 2.5. A formação de professores: o desafio da formação-investigação.

3. Problemática epistemológica

- 3.1. Aspectos da evolução recente da investigação educacional.
 - 3.1.1. O processo de definição da educação como objecto de estudo científico.
 - 3.1.2. O debate qualitativo-quantitativo.
 - 3.2. Quadro geral das Ciências da Educação.
 - 3.2.1. A questão da identidade, da autonomia e da abertura das Ciências da Educação.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- AVANZINI, G - A pedagogia no século XX, Lisboa, Moraes, 1978.
- CARVALHO, A.- Epistemologia das Ciências da Educação, Porto, Afrontamento, 1988.
- "- A educação como projecto antropológico, Porto, Afrontamento, 1993
- "- Utopia e Educação, Porto Editora, 1994
- CARVALHO, A. (org.) - A construção do projecto de escola, Porto, Porto Editora, 1993
- CLAUSSE, A.- A relatividade educativa. Esboço de uma história e de uma filosofia da escola, Coimbra, Almedina, 1976.
- DE LANDSHEERE, G.- A investigação experimental em Pedagogia, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1986.
- FORQUIN, J.C. - École et Culture, Bruxelas, Ed. de Bocck--Wesmaes, 1989
- MIALARET, G. - As Ciências da Educação, Lisboa, Moraes, 1976.
- NOT, L.; BRU, M. (sob direcção de) - Où va la pédagogie du project?, Toulouse, Ed. Universitaire du Sud, 1987.
- NOT, L. (sob direcção de) - Une science spécifique pour l'éducation?, Toulouse, Publi. de L'Univ. de Toulouse-le-Mirail, 1984.
- NOT, L. - Les pédagogies de la connaissance, Toulouse, privat, 1979
- RESWEBER, J. P. - Les pédagogies nouvelles, Paris, P.U.F., 1986.
- SYNDERS, G. - Para onde vão as pedagogias não directivas?, Lisboa, Moraes, 1976.

FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto



**GUIA DO ESTUDANTE
XVII**

**Geografia
4º ano**

**CONSELHO DIRECTIVO
1996**

Guia do Estudante da FLUP.GEO: 4º Ano
Vol.17, 1996-97
Publicação Anual

Planeamento e dactilografia:
Gab. de Extensão Cultural
Execução e Impressão: Oficina Gráfica
Tiragem: **130** exemplares

TEORIA E MÉTODOS

Docente: Prof. Doutor Álvaro António Gomes Domingues

Objectivos gerais da cadeira

Tal como acontece noutras áreas das Ciências Sociais, a Geografia tem conhecido uma forte turbulência ao nível da confrontação entre modelos teóricos e métodos empíricos de investigação. No entanto, a espartilhão do curso por sectores especializados (Geografia Humana, Física, Económica, etc.,) não contribui para uma clarificação das lógicas de evolução dessas tendências gerais, pelo que é frequente os alunos não terem uma visão suficientemente estruturada e de conjunto dos vários modelos de construção do objecto científico. Resulta daqui o enveredar para posicionamentos teóricos eclécticos e para uma utilização alternativa e não controlada de diferentes referenciais teóricos e métodos de investigação.

O objectivo desta cadeira é pois o de construir essa visão de conjunto e o de dar sentido e enquadramento aos diferentes paradigmas que se têm sucedido desde a institucionalização da Geografia como ciência específica, dando particular relevância à Geografia Humana.

Nesta medida, e utilizando como linha condutora a evolução da construção do conceito central de paisagem/espaco/território, pretendemos recuperar vários exemplos retirados das diferentes especializações (Geografia Urbana, Rural, Económica,...) de modo a reconstruir e dar um sentido mais articulado aos diferentes modos de construção do Objecto Científico na Geografia Humana. Trata-se, em muitos casos, de reunir material normalmente assimilado de uma forma fragmentária e daí retirar as lógicas possíveis de conjunto.

Este percurso epistemológico será acompanhado pela análise de investigações - tipo exemplificativas da sucessão dos vários paradigmas, análise essa que será feita nas aulas teórico-práticas e que se fará acompanhar, nomeadamente, de uma reflexão ao nível da utilização dos métodos quantitativos de análise, dos critérios de selecção de variáveis e da adequação da construção dos indicadores e resultados estatísticos aos diferentes enquadramentos teóricos da análise.

PROGRAMA

1. Introdução - Geografia, uma ciência em busca do paradigma.

2. O Conhecimento Científico - conflitualidade e construção do objecto científico nas Ciências Sociais.

3. As etapas fundamentais das formas de construção do Objeto Científico na Geografia Humana:

- 3.1. A Geografia Clássica.
- 3.2. A Geografia Neo-Positiva.
- 3.3. A diversidade correntes actuais.

4. Geografia e Geógrafos: das teorias às práticas.

BIBLIOGRAFIA

ABLER, R.; ADAMS, J.S.; GOULD, P. - Spatial Organization, Prentice/Hall, London, 1977

ALMEIDA, J.F.; PINTO, J.M. - A Investigação nas Ciências Sociais, Presença, Lisboa, 1976

BACHELARD, Gaston - A Epistemologia, Edições Lisboa, 1981

BLACHE, P. Vidal - Principes de Géographie Humaine, Paris, 1922

BOURDIEU, Pierre - Homo Academicus, Minuit, Paris, 1984

CAPEL, Horacio - Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporánea, Barcelona, 1981

CLAVAL, Paul - A Nova Geografia, Almedina, Coimbra, 1978

DOMINGUES, Álvaro - "A geografia Regional Vidaliana", in Revista da Faculdade de Letras-Geografia, 1ª série, vol. I, Porto, 1984, pp.113-134

GREGORY, Derek - Ideology, Science and Human Geography, New York, 1979

GOLDMANN, Lucien - Sciences Humaines et Philosophie, Paris, 1966

HARVEY, David - Explanation in Geography, Edward Arnold, London, 1979

KUHN, Thomas - The Structure of Scientific Revolutions, University of Chicago Press, Chicago, 1970

MASSEY, Doreen - Social Relations and Spatial Structures, Macmillan, London, 1985

NUNES, A. Sedas - Questões Preliminares Sobre as Ciências Sociais, Lisboa, 7ª Ed., 1982

RIBEIRO, Orlando - Variações Sobre Temas de Ciência, 1970

"- Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico, Sá da Costa, Lisboa, 1986

"- Introdução ao Estudo da Geografia Regional, Ed. João Sá da Costa, Lisboa, 1987

SANTOS, Boaventura S. - Introdução a uma Ciência Pós-Moderna,
Afrontamento, Porto, 1989

SILVA, A.S.; PINTO, J.M. (org.) - Metodologia das Ciências Sociais,
Afrontamento, Porto, 1986

SMITH, David M. - Patterns in Human Geography, Penguin Books,
New York, 1975

STODDART, David R. - "El Concepto de Paradigma Y la Historia de
la Geografía, in Geo-Crítica, nº40, Barcelona, 1982

RACINE, J.B.; RAYMOND, H. - L'Analyse Quantitative en
Géographie, PUF, Paris, 1973

SEMINÁRIO DE GEOGRAFIA FÍSICA

Especialidade: Geomorfologia

Docente: Prof^a Doutora Maria Assunção Araújo

I. INTRODUÇÃO TEÓRICA

A Geomorfologia e a reconstituição da história do relevo. Alguns aspectos da evolução geomorfológica no final do Terciário e no Quaternário.

A neotectónica e a necessidade de estudar as alterações e os depósitos correlativos.

II. ESTUDO DE UMA ÁREA À ESCOLHA DOS ALUNOS

1. Saída de estudo.

Os principais problemas metodológicos. Alguns resultados da investigação desenvolvida até à data.

Análise e utilização das cartas topográficas e geológicas. Estudo da rede de fracturação. Observação de depósitos e recolha de amostras.

2. Projecto de trabalho

Elaboração de um plano com os objectivos, tópicos a desenvolver, métodos de trabalho, bibliografia...

3. Trabalho de Laboratório

Alguns elementos de sedimentologia: técnicas de análise granulométrica e morfoscópica. Realização das referidas análises nas amostras recolhidas na saída de estudo.

Tratamento informático e cartográfico dos resultados das análises realizadas.

4. Relatório Final

O enquadramento geológico e geomorfológico da área estudada.

Apresentação dos resultados obtidos (cartografia, gráficos das análises).

Interpretação dos resultados obtidos: a evolução tectónica, climática e eustática durante o Quaternário.

A perspectiva ambiental: análise de alguns problemas da área estudada.

BIBLIOGRAFIA

Atendendo à possibilidade de escolha, por parte dos alunos, de temas muito diversos, a bibliografia específica será fornecida oportunamente, de acordo com as necessidades.

ARAÚJO, M.A. (1991) - Evolução geomorfológica da plataforma litoral da região do Porto. Edição da autora, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1991, 534 p., c/ anexos (87 p.) e 3 mapas fora do texto

CABRAL, J.M.L.C. (1993) - Neotectónica de Portugal Continental, Tese - Fac. Ciências, Dep. Geologia, Univ. Lisboa, 435 p.

CAILLEUX, A. & TRICART, J. (1959) - Initiation à l'étude des sables et des galets, 3 T., Paris, Centre de Documentation Univ., 369 + 194 + 202 p.

CARVALHO, A.M.G. (1965) - Apontamentos de Sedimentologia aplicada à Geomorfologia, Policopiado, Lisboa, 168 p.

CARVALHO, G.S. (1966) - Índices de forma dos grãos de areia e a morfoscopia das areias das praias do litoral de Angola, "Garcia de Orta", vol.14, nº2, Lisboa, p.229-268

" (1981) - Uma metodologia para o estudo dos depósitos do Quaternário, "Arqueologia", nº4, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (GEAP), Porto, p.50-63

COQUE, R. (1977) - Géomorphologie, Paris, Armand Colin, 430 p.

DAVEAU, S. (1977) - L'évolution géomorphologique quaternaire au Portugal, Supl. Bol. AFEQ, nº50, INQUA

" (1980) - Espaço e tempo - evolução do ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos-pré-históricos, "Clio", vol.2, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, p.13-37

" (1985) - Les bassins de Lousã et d'Arganil, Memórias do C.E.G., nº8, 2 vols., Lisboa, 450 p.

DAWSON, Alastair G. (1992) - Ice Age Earth - Late quaternary Geology and Climate, Routledge physical environmental series, ed. por Keith Richards, Routledge ed., Londres, 293 p.

DUPLESSY, J.-C, MOREL, P. (1990) - Gros temps sur la planète, ed. Odile Jacob, paris, 296 p.

FEIO, M. (1983) - Le bas Alentejo et l'Algarve. Reedição do livro guia do Congresso de Geografia de Lisboa, Inst. Nac. de Investigação Científica, C. Ecologia Aplicada, Univ. Évora, 207 p.

FERREIRA, A.B. (1978) - Planaltos e montanhas do norte da Beira, "Mem. C.E.G.", nº4, Lisboa, 374 p.

LOWE, J.J. & WALKER, M.J.C. (1984) - Reconstructing quaternary environments, N.York, Longman, 389 p.

- MOREIRA, M.E.S.A. (1984) - Glossário de termos usados em Geomorfologia litoral
- PASKOFF, R. (1985) - Les littoraux - impact des aménagements sur leur évolution, Col. Géographie, Paris, Masson, 185 p.
- PETHICK, J. (1984) - An introduction to coastal Geomorphology, London, Edward Arnold, 260 p.
- REBELO, F. (1975) - Serras de Valongo - estudo de Geomorfologia, Suplementos de "Biblos", nº9, Univ. Coimbra, 194 p.
- REYNAUD, A. (1971) - Epistémologie de la Géomorphologie, Premier cycle, Géographie, Paris, Masson, 125 p.
- RIBEIRO, A. (1984) - Néotectonique du Portugal, Livro de homenagem a O. Ribeiro, Lisboa, C.E.G., p.173-182
- RIBEIRO, A. et al. (1979) - Introduction à la Géologie générale du Portugal, Serviços Geol. Portugal, Lisboa, 114 p.
- SUGUIO, K. (1973) - Introdução à Sedimentologia, S. Paulo, Edgard Blucher, 317 p.
- TRICART, J. (1965) - Principes et méthodes de la Géomorphologie, Paris, Masson et Cie, 496 p.
- " (1968) - Géomorphologie structurale. Précis de Géomorphologie, T.I., Paris, SEDES, 322 p.
- " (1977) - Géomorphologie dynamique générale. Précis de Géomorphologie, T.II, Paris, SEDES, 345 p.
- " (1981) - Géomorphologie climatique. Précis de Géomorphologie, T.III, Paris, SEDES, 313
- ZENKOVITCH, V.P. (1967) - Processes of coastal development. Trad. inglesa, ed. J.A. Steers, Edimburgo, Oliver & Boyd, 738 p.
- ZAZO, C. et al. (1989) - Guia da excursão B1 (Litoral Mediterrâneo), 2ª Reunión del Cuaternario Iberoamericano, AEQUA, Madrid, 99 p.
- ZBYSZEWSKI, G. (1958) - Le Quaternaire au Portugal, "Bol. Soc. Geol. Port.", Vol.13, Fasc. 1-2, Porto, p.3-227

ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO CURRICULAR

Docentes: Prof. Doutor Raul Cunha

Dr^a Fernanda Figueira

Dr^a Olga Lima

Dr. Luís Antunes

I. Introdução

A disciplina de Organização e Desenvolvimento Curricular, abrangendo de certa forma, todo o sistema de ensino, proporciona um espaço de análise crítica do processo de ensino-aprendizagem, sensibilizando os novos docentes para a necessidade de racionalizarem e sistematizarem científicamente a sua actividade.

Sem preferir a vertente pragmática, implícita no âmbito da teoria curricular, quer a nível da organização, quer do seu desenvolvimento, parece-nos conveniente reforçar a componente teórica. Tal orientação coloca-nos em sintonia com a linha do pensamento educativo segundo a qual o professor deve aliar a investigação e a reflexão à sua prática docente.

O professor carece de uma sólida base teórica que lhe permita investigar num campo - o da educação - onde permanecem black boxes plurais, cujo interior pode e deve ser pesquisado.

Este rumo implica sólido investimento na formação dos professores no campo curricular habilitando-os como construtores críticos do currículo, revelando a natureza problemática, complexa e situacional das decisões e práticas educativas.

II. Objectivos

- Desenvolver atitudes de reflexão e de investigação científica.
- Reflectir sobre os actuais modelos de educação.
- Adquirir os conhecimentos da teoria e desenvolvimento do currículo.
- Analisar os diferentes modelos de ensino.
- Compreender a existência das várias orientações curriculares e sua incidência na prática educativa.
- Aplicar o processo de desenvolvimento curricular a situações concretas, nomeadamente à actual Reforma Curricular dos Ensinos Básico e Secundário.

III. Conteúdos Programáticos

A. AULAS TEÓRICAS

1. Análise sistémica da Educação.

1.1. Teoria Geral de Sistemas.

1.1.1. Natureza e tipos de sistema.

1.1.2. Paradigmas científicos

1.1.3. Delimitações e características do Sistema Educativo.

1.2. Educação como sistema comunicacional.

1.2.1. Teorias da comunicação.

1.2.2. Modelos e componentes do sistema comunicacional.

1.2.3. Modelos de comunicação educativa.

1.3. Educação como sistema tecnológico.

1.3.1. Natureza da tecnologia educativa.

1.3.2. Tecnologia como metodologia.

1.3.3. Modelos didácticos.

2. Problemática conceptual do currículo.

2.1. Teoria do currículo.

2.1.1. Natureza e fontes do currículo.

2.1.2. Teorias curriculares.

2.1.3. Metateorias curriculares.

2.1.3.1. Problemática teoria/prática curricular.

2.1.3.2. Problemática Educação/Sociedade.

2.1.4. Códigos e tipos de currículo.

2.1.5. Modelos de organização curricular.

2.2. Desenvolvimento curricular.

2.2.1. Planificação curricular.

2.2.1.1. Pressupostos e natureza.

2.2.1.2. Níveis de decisão: política, institucional e docente.

2.2.1.3. Projecto Educativo/ Projecto Curricular.

2.2.1.4. Modelos de planificação de ensino.

2.2.2. Componentes.

2.2.2.1. Objectivos

2.2.2.1.1. Natureza e definição.

2.2.2.1.2. Fontes e critérios de selecção.

2.2.2.1.3. Operacionalização.

2.2.2.2. Conteúdos

2.2.2.2.1. Natureza epistemológica e vital.

2.2.2.2.2. Critérios de selecção, estruturação e sequência.

2.2.2.3. Estratégias

- 2.2.2.3.1. Significado no desenvolvimento curricular.
- 2.2.2.3.2. Natureza e âmbito.
- 2.2.2.3.3. Critérios de selecção, estruturação e sequência.
- 2.2.2.4. Avaliação**
- 2.2.2.4.1. Natureza e funções.
- 2.2.2.4.2. Modelos de avaliação.
- 2.2.2.4.3. Tipos de avaliação.
- 2.2.2.4.4. Instrumentos.

3. Desenvolvimento curricular e formação de professores

B. AULAS PRÁTICAS

1. Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE)

1.1. Conceitos subjacentes à lei de:

1.1.1. Educação.

1.1.2. Cidadão.

1.1.3. Sociedade.

1.2. Finalidades la lei e sua hierarquização.

1.2.1. No conjunto da lei.

1.2.2. Diferenciada segundo os níveis de ensino:

1.2.2.1. Básico.

1.2.2.2. Secundário.

1.3. Diferenças entre o Ensino Básico e o Ensino Secundário a nível da:

1.3.1. Diversificação curricular.

1.3.2. Educação compensatória e acompanhamento pedagógico dos alunos.

1.3.3. Utilização dos tempos extra-aula.

2. Análise sistemática do processo educativo português

3. Reforma do Sistema Educativo Português

3.1. Contexto da Reforma: fontes e determinantes.

3.2. Conceito(s) e filosofia de educação subjacentes à Reforma.

3.3. Conceito(s) de sucesso educativo.

3.4. Organização curricular:

3.4.1. Conceito de currículo e metateoria(s) emergente(s).

3.4.2. Objectivos curriculares e finalidades da LBSE.

3.4.3. Critérios orientadores da selecção e organização dos conteúdos.

3.4.4. Modelo(s) de ensino emergente(s).

3.4.5. Avaliação.

BIBLIOGRAFIA

- APPLE, M. W. - Ideología y currículo, Madrid, Akal, 1986
- BALLANTI, G. - Modelli di Apprendimento e schemi di insegnamento, Teramo, Lisciani e Giunti, 1989
- CARDINET, J. - Pour apprécier le travail des élèves, 2^a ed., Paris, Éd. Universitaires, 1990
- CLOUTIER, J. - A Era de Emergência ou a comunicação audio-scripto-visual na hora dos self-media, Lisboa, Instituto de Tecnologia Educativa, s/d.
- COLL, C. - Psicología y currículum, Barcelona, Leia, 1987
- COMISSÃO DE REFORMA DO SISTEMA EDUCATIVO - Proposta global de reforma. Relatório final, Lisboa, Ministério da Educação, 1988
- FERNANDES, Graça et al. - Desenvolvimento curricular, Lisboa, Gabinete de Estudos e Planeamento - Ministério da Educação, 1992
- FORQUIN, Jean-Claude - École et culture, Paris, Éd. Universitaires, 1989
- D'HAINAUT, L. - Educação. Dos fins aos objectivos, Coimbra, Almedina, 1980
- GIMENO SÁCRISTAN, J. - El currículum: una reflexión sobre la práctica, Madrid, Ed. Morata, 1988
- GIMENO SÁCRISTAN, J.; PÉREZ GOMEZ, A. - Comprender y transformar la enseñanza, Madrid, Ed. Morata, 1992
- HILLS, J.J. - Teaching, learning and communication, Londres, Croom Helm, 1986
- KELLY, A.V. - O currículo: teoria e prática. S. Paulo, Habra, 1980
- KEMMIS, S. - El currículum: más allá de la teoría de la reproducción, Madrid, Ed. Morata, 1988
- LANDSHEERE, V.; LANDSHEERE, G. - Definir os objectivos da educação, Lisboa, Morais, 1977
- LITTLEJOHN, S.W. - Fundamentos teóricos da comunicação humana, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982
- MARAGLIANO, R.; VERTECCHI, B. - La programmazione didattica, Roma, Riuniti, 1986
- MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO - Organização curricular e programs, Lisboa, Direcção-Geral dos Ensinos Básico e Secundário, 1991
- POCZTAR, J. - Analyse systémique de l'éducation: essai, Paris, E.S.F., 1989
- RIBEIRO, A.C. - Desenvolvimento curricular, Lisboa, Texto Editora, 1990

RIBEIRO, L.C. - Avaliação da aprendizagem, 2^a ed., Lisboa, Texto Editora, 1990

ROSALES, C. - Avaliar é reflectir sobre o ensino, Porto, Ed. Asa, 1992

ROWTREE, D. - Educational technology in curriculum development, 2^a ed., Londres, Harper & Row, 1986

SÁENZ, O. (dir.) - Organización escolar, Madrid, Ed. Anaya, 1985

STENHOUSE, L. - An introduction to curriculum research and development, London, H.E.B., 1981

TENBRINK, T. - Evaluation: a practical guide for teachers, New York, Mc Graw-Hill, 1984

TYLER, R. - Princípios básicos de currículo e ensino, 10^a ed., Rio de Janeiro, Ed. Globo, s/d.

UNESCO - O educador e a abordagem sistémica, Lisboa, Ed. Estampa, 1980

VÁRIOS - Del proyecto educativo a la programación de aula, Barcelona, Ed. Graó, 1992

ZABALZA, M. A. - Planificação e desenvolvimento curricular, Porto, Ed. Asa, 1992

NOTA. A bibliografia específica e documentação legal serão oportunamente fornecidas.

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA APRENDIZAGEM

Docentes: Dr^a Fernanda Martins

Dr^a Lurdes Fidalgo

Dr. Paulo Santos

1. Objectivos gerais

- Apresentar e justificar a integração da Psicologia na formação de professores.
- Situar o estudo da adolescência no âmbito da Psicologia do Desenvolvimento.
- Identificar as principais características da adolescência.
- Analisar as implicações do conhecimento da Psicologia da Adolescência na prática educativa.
- Identificar as principais Teorias da Aprendizagem e suas implicações psicopedagógicas;
- Relacionar aprendizagem e desenvolvimento como componentes de um estudo global do adolescente em situação educativa.
- Aplicar os conhecimentos a situações de ensino/aprendizagem, mais concretamente ao papel mediador do professor.

2. Conteúdo programático

I. Psicologia e Educação.

1. Objecto e método da Psicologia: a Psicologia como ciência experimental.
2. Correntes actuais da Psicologia.
3. A Psicologia na formação de professores.

II. Psicologia do Desenvolvimento.

1. Teorias do desenvolvimento humano e suas implicações educacionais.
2. Abordagem desenvolvimento psicológico até à puberdade.
3. Abordagem específica do desenvolvimento do Adolescente.
 - 3.1. Introdução à adolescência.
 - 3.1.1. Perspectiva histórica e antropológica.
 - 3.1.2. A Adolescência no ciclo de vida.
 - 3.2. Dimensões do Desenvolvimento na Adolescência.
 - 3.2.1. Desenvolvimento físico e psico-sexual.

- 3.2.2. Desenvolvimento cognitivo.
- 3.2.3. Desenvolvimento interpessoal e moral.
- 3.2.4. Desenvolvimento sócio-emocional.
- 3.2.5. Desenvolvimento vocacional e identidade.
- 3.3. O normal e o patológico no desenvolvimento adolescente.
- 3.4. Desenvolvimento do jovem adulto.

III. Psicologia da Aprendizagem.

- 1. Definição e características da aprendizagem.
- 2. Principais concepções de aprendizagem e suas implicações educativas.
 - 2.1. Teorias Comportamentais.
 - 2.2. Teoria Humanistas.
 - 2.3. Teorias Cognitivas.
 - 3. Programas de facilitação da aprendizagem.
 - 3.1. Programas de competência de estudo.
 - 3.2. Programas de treino de funções cognitivas.

IV. Conclusão

- 1. A aprendizagem e o desenvolvimento do adolescente.
 - 1.1. A interpenetração necessária de ambos os aspectos.
 - 1.2. A prática pedagógica na rentabilização de ambos os aspectos e o papel mediador do professor nessa rentabilização.

Nota: Refira-se que estes conteúdos são repartidos pelas aulas teóricas e práticas, sendo distribuídos no início do ano lectivo o sumário detalhado de cada uma dessas aulas, assim como a bibliografia geral e específica.

METODOLOGIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA

Docente: Dr^a Maria Helena Ramalhão Dias Ramalho

1. Finalidades

A preparação dos professores de Geografia implica necessariamente a aquisição de princípios de ordem metodológica que, pela sua importância e actualidade, constituem os fundamentos e as bases de toda a formação pedagógica. Deverá não propriamente constituir um corpo de "receitas" mas sim apetrechar os futuros professores de um conjunto de princípios norteadores da prática docente e desenvolver neles capacidades e atitudes que levem a um desempenho verdadeiramente profissional - reflexivo, crítico, problematizador, auto-superador.

Verifica-se, assim, a existência de uma diversidade de situações a contemplar num programa de Metodologia da Geografia, cuja finalidade última consiste em procurar que aqueles a quem se destina consigam estabelecer uma articulação coerente entre as Ciências da Educação, Geografia e a prática docente.

2. Esquema conceptual

O professor de Geografia deve possuir um conjunto de conhecimentos, competências e de atitudes de natureza geográfico-educacional que, ao serem postos em prática, possibilitem o desenvolvimento de actividades conducentes à formação dos educandos.

3. Objectivos

- Saber-ser:

- Potenciar a abertura à inovação.
- Desenvolver mecanismos de abertura na relação pedagógica.
- Reflectir sobre a actividade profissional do professor de Geografia.
- Reflectir sobre o valor educativo da Geografia.
- Desenvolver o saber, o saber-fazer e o saber-ser que vão sendo adquiridos numa perspectiva de autoformação permanente, enquanto professor/educador de/ em Geografia.

Saber-fazer:

- Analisar o estatuto da Geografia enquanto disciplina curricular.

- Analisar a influência de diferentes perspectivas da Geografia na Educação Geográfica.
- Analisar a influência das perspectivas educativas na Educação Geográfica.
 - Apreciar o contributo da Geografia para a Educação Ambiental.
 - Interpretar os programas de Geografia.
 - Planificar, tendo em conta os programas de Geografia:
 - * Definir objectivos associados aos diversos saberes geográficos.
 - * Selecionar tramas conceptuais ajustadas e coerentes.
 - * Comparar métodos e técnicas utilizados na educação geográfica.
 - * Conceber actividades diversificadas e ajustadas ao binómio objectivos-conteúdos e à avaliação de partida.
 - * Conceber meios didácticos enquadrados na linha metodológica.
 - * Elaborar/analisar documentos de avaliação do processo e do produto da educação geográfica.
 - * Interpretar os resultados obtidos nesse tipo de documentos.
 - Analisar a problemática do trabalho de campo, enquanto meio de desenvolvimento dos saberes geográficos.

Saber:

- Conhecer os fundamentos de uma metodologia do ensino da Geografia.
- Dominar a componente nocional e conceptual inerente à estrutura temática deste programa (cf. ponto4.);
- Dominar os conteúdos geográficos incorporados nos programas de Geografia para o 3º ciclo do Ensino Básico e para o Ensino Secundário.

4. Estrutura Temática

Aulas teóricas

Parte I: Potencial educativo da Geografia:

1. Contexto actual da educação geográfica - a educação geográfica na encruzilhada das linhas de investigação geográfica e das perspectivas educacionais.
2. Dimensões e vectores fundamentais da educação geográfica.
3. Educação geográfica e educação ambiental - relações e especificidade do contributo da educação geográfica.

Parte II: Organização do ensino da Geografia:

1. Programas e Projecto Educativo de Escola - elementos, funções e articulação;
2. Planificação em Geografia:

- Objectivos e conteúdos.
- Métodos, técnicas e meios didácticos.
- Avaliação: funções e tipos de avaliação; formas e documentos avaliativos; interpretação dos dados; classificação.

3. Trabalho de campo: especificidade da preparação e implementação

Aulas práticas

- A. Fontes para a educação geográfica;
- B. Escolhas didácticas e papel educativo da Geografia (análise de casos);
- C. Os programas de Geografia para o 3º ciclo do Ensino Básico e para o Ensino Secundário - enquadramento epistemológico e educacional;
- D. Planificação em Geografia (elaboração de um dossier de planificação incorporando plano anual, plano de uma unidade didáctica e materiais e documentos avaliativos contemplados nesse plano de unidade).

5. Formas de actuação

Para levar a cabo as intenções informativas e formativas constantes deste programa, utilizar-se-ão estratégias tão variadas quanto possível, de forma a dar aos alunos uma visão ampla e alguma vivência de diversas formas de actuação na sala de aula.

6. Avaliação

Proceder-se-á conforme as normas gerais de avaliação em vigor na FLUP, não obstante a apresentação, numa das primeiras aulas, de um plano de avaliação específico para a cadeira.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

ALEXANDRE, F. e DIOGO, J. - Didáctica da Geografia, Lisboa, Texto Editora, 1990

ANDRÉ, Yves et alii - Réresenter l'Espace. L'imaginaire spacial à l'école, Paris, Anthropos, 1989

BAIGORRI, J. et alii - Enseñar la ciudad. Didáctica de la Geografía Urbana, Madrid, Ediciones de la Torre, 1987

BAILEY, P. - Didáctica de la Geografía, Madrid, Editorial Cincel, 1985

BOIRA, J. et alii - Espacio subjetivo y Geografía, Valencia, Nau Libres, 1994

CAVACO, M.H. - A educação ambiental para o desenvolvimento, Col. Cadernos de Inovação Educacional, Lisboa, Escolar Editora, 1992

COLL, C. et alii - Los contenidos en la Reforma, Madrid, Santillana, 1992

- DESPLANQUES, P. (coord.) - La Géographie en collège et en lycée, col. Profession, Enseignant, paris, Hachette, 1994
- FERNANDEZ, S.A. - Didáctica de las Ciências Humanas - Geografia, Alcoy, Editorial Marfil, 1982
- GIOLITTO, P. - Enseigner la Geographie à l'école, Paris, Hachette, 1992
- GIOLITTO, P. e CLARY, M. - Éduquer à l'environnement, col. Profession Enseignant, Paris, Hachette, 1994
- GRAVES, Norman - La enseñanza de la Geografía, Madrid, Visor Libros, 1985
- GRAVES, N. (coord.) - Nuevo método para la enseñanza de la Geografía, Barcelona, Editorial Teide, 1989
- MERENNE-SCHOUMAKER, B. - Didactique de la Géographie, col. Géog. d'Aujourd'hui, Paris, Nathan, 1994
- RAMALHO, M.H. - Educação atitudinal no âmbito da educação geográfica: teoria e prática em decisões docentes, Edição da Associação de Professores de Geografia, 1995
- ROUX, A. le - Enseigner la Géographie au collège, Paris, PUF, 1995
- SUREDA, J. e COLOM, A. - Pedagogia Ambiental, Barcelona, Ediciones CEAC, 1989
- VALLS, Enne - Los procedimientos: aprendizaje, enseñanza y evaluación, Barcelona, ICE/Ed. Horsori, 1993
- VERCHER, M.R. - Educacion ambiental: diseño curricular, Serie Educación y Futuro, Madrid, Ed. Cincel, 1990

ÍNDICE

Teoria e Métodos	1
Seminário de Geografia Física	4
Organização e Desenvolvimento Curricular	7
Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem	12
Metodologia do Ensino da Geografia	14

Opções

Sociologia Rural e Urbana	1
Climatologia	3
Geografia Urbana	5
Geografia do Turismo	7
Geografia Locativa	11
Geografia dos Transportes	12
Hidrologia ,	13
Cartografia Geomorfológica	15



OPÇÕES



SOCIOLOGIA RURAL E URBANA

Docente: Prof. Doutor António Custódio Gonçalves

I. Aulas teóricas

Introdução: a problemática do espaço como paradigma central de análise das relações sociais em meios rurais e urbanos.

2. Modelos conceptuais e teóricos.

2.1. Interacção do rural e do urbano.

2.2. Os modelos clássicos.

2.3. As tendências actuais.

3. O meio rural e o meio urbano pré-urbanizados: organização do espaço, sistema social e sistema cultural.

4. Industrialização e relação ao espaço: características sociais e culturais.

5. A urbanização dos meios rurais e das cidades.

5.1. Características sociais e culturais.

5.2. Problemas-tipo e estratégias de base do meio rural português, no contexto da UE.

5.3. Composição espacial e estruturas sociais na cidade.

5.4. Mobilidade, enraizamento e centralidade.

5.5. Espaço funcional e espaço de comunicação.

5.6. Interacções e regulação dos conflitos.

5.7. A peri-urbanização: recomposição espacial e características sociais e culturais.

II. Aulas Práticas

1. Dinâmicas conflituais do espaço social urbano.

2. Percepções e práticas dos actores sociais face aos "grandes projectos".

3. Dinâmicas sociais e culturais do turismo no espaço rural.

4. Meios rurais e inovações.

BIBLIOGRAFIA

- 1985
ALTHABE, G. - Urbanisation et enjeux quotidiens, Paris, Anthropos,
Masson, 1991
BALABANIAN, O. et al. - Les Étas méditerranéens de la CEE, Paris,
Lisboa, Presença, 1979
CASTELLS, M. - Problemas de investigação em sociologia urbana,
Afrontamento, 1987
FERREIRA, A.F. - Por uma nova política de habitação, Porto,
New York, St. Martin's Press, 1985
GREGORY, D. e URRY, John - Social Relations and Spatial Structures,
HESPAÑHA, P. - Com os pés na terra, Porto, Afrontamento, 1994
LÉVY, J.-P. - Centres - ville en mutation, Paris, CNRS, 1987
LOPES, A.S. - Desenvolvimento regional. Problemática, Teoria,
Modelos, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1987
KAYSER, B. - La renaissance rurale. Sociologie des campagnes du
monde occidental, Paris, A. Colin, 1990
NOSCHIS, K. - Signification affective du quartier, Paris, Librairie des
méridiens, 1984
PINTO, J.M. - Estruturas sociais e práticas simbólico-ideológicas nos
campos, Porto, Afrontamento, 1985
RÉMY, J. et al. - Produire ou reproduire?, 2 vol., Bruxelas, Ed. Vie
Ouvrière, 1978 e 1980
RÉMY, J.; VOYÉ, L. - A cidade: rumo a uma nova definição?, Porto,
Afrontamento, 1994
"- Ville, ordre et violence, Paris, PUF, 1981
Revistas: SOCIEDADE E TERRITÓRIO, nº20, 1994;
CADERNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS, nº14, 1994;
ANÁLISE SOCIAL, nº127, 1994
ESPACES ET SOCIÉTÉS, nº79, 1995
RITCHOT, G.; FELTZ, C. - Forme urbaine et pratique sociale,
Québec, Ed. du Préambule, 1985
SALGUEIRO, T.B. - A cidade em Portugal. Uma geografia urbana,
Porto, Afrontamento, 1992

CLIMATOLOGIA

Docente: Prof^a Doutora Ana Maria Monteiro

I. Noção de Climatologia

1. A importância da noção de escala nos estudos de climatologia.

II. Elementos de Climatologia

1. A atmosfera: composição, estrutura e trocas energéticas.
2. Balanço energético Terra-Atmosfera.
3. Humidade Atmosférica: evaporação, humidade, condensação, formação de precipitação, trocas adiabáticas, estabilidade e instabilidade.
4. Movimento atmosférico.
5. Massas de ar, frentes e depressões.

III. Noção de Microclima

1. As relações do Homem e dos Animais com o microclima (comportamento, habitação, etc.)
2. A cidade.
 - a) Balanço energético na cidade.
 - b) Balanço hídrico na cidade.
 - c) Alterações no comportamento de alguns elementos climáticos.
 - d) Estratégias para um eficaz planeamento ambiental na cidade.
3. Ecoclimatologia florestal:
 - a) Radiação num povoamento florestal.
 - b) Balanço calórico, vento, temperatura, humidade, orvalho, chuva, geadas num povoamento florestal.

BIBLIOGRAFIA

- ARLÉRY, R. H. Crisillet, B. Guilmet - Climatologie-méthodes et pratiques, 2^a edition, 1973
- CHORLEY, R. J., Barry, R. G. - Atmósfera, tiempo y clima, Barcelona, Ediciones Omega, 1978
- DOUGLAS, Yan - The urban environment, Edward Arnold (publishers) Ltd, 1983

GEIGER, R. - Manual de Microclimatologia - o clima da camada de ar junto ao solo, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

RIEHL, Herbert - Introduction to atmosphere, Tjird edition, Mc Graw Hill, INC, 1965

NOTA: Outra bibliografia específica será fornecida no decurso do ano lectivo.

GEOGRAFIA URBANA

Docente: Prof. Doutor José Alberto V. Rio Fernandes

1. Urbanização, espaço urbano e cidade: processos e conceitos

2. Espaço urbano e história: os percursos de expansão e consolidação do tecido urbano e as questões associadas à forma

3. Usos do solo:

3.1. Ocupação residencial;

3.2. Indústria;

3.3. Terciário de natureza social e económica.

4. O processo de terciarização e as alterações na estrutura e organização do território.

5. Ordenamento territorial, urbanismo e planeamento estratégico: alguns princípios fundamentais.

6. Estudo de casos: grandes metrópoles e cidades pequenas e médias.

7. Urbanização e urbanismo em cidades portuguesas: antecedentes, realidades e desafios.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

BORJA, Jordi et. al. - Las grandes ciudades en la decada de los noventa. Madrid, Editorial Sistema, 1990.

CARTER; Harold - An introduction to urban historical geography. Londres, Edward Arnold, 3a ed., 1989.

CHAMPION, Anthony G. (ed.) - Counterurbanization: the changing pace and nature of population decentration, Londres, Edward Arnold, 1989.

CLAVAL, Paul - La logique des villes, Paris, Litec, 1981.

HERBERT, David T.; JOHNSTON, R.J. (ed.) - Geography and the urban environment: progress in research & applications (vol. III), Chichester, John Wiley & Sons, 1980.

OLIVEIRA, J.M. Pereira de - O espaço urbano do Porto: condições naturais e desenvolvimento. Coimbra, Instituto de Alta Cultura, 1973.

RONCAYOLO, Marcel - La ville et ses territoires, Paris, L'Harmattan, 1991

SALGUEIRO, Teresa Barata - A cidade em Portugal: uma geografia urbana. Porto, Edições Afrontamento, 1992.

GEOGRAFIA DO TURISMO

Docente: Prof. Doutor Luís Paulo Saldanha Martins

Ensino Teórico

I Parte

1. Uma introdução à Geografia do Turismo

 1.1. Geografia do Turismo: objecto, objectivos e particularidades metodológicas

 1.2. Do ócio ao lazer e turismo

 1.3. Períocidade do lazer e do turismo

 1.4. Formas de turismo

 1.5. Espaços de turismo - os factores de atracção

 1.6. Espaços de turismo - as tipologias

 1.7. Recursos turísticos e determinismo geográfico

2. Evolução do turismo - do elitismo à massificação

 2.1. Antecedentes

 2.2. Arranque

 2.3. A popularização

 2.4. Entre betonização e a massificação

 2.5. Os nichos culturais ou ambientais

II Parte

3. Turismo, internacionalização e desenvolvimento

 3.1. Geopolítica e turismo

 3.2. Os agentes de turismo internacional

 3.3. Os movimentos turísticos - países emissores e bacias receptoras.

 3.4. Grandes tipos de espaços de turismo internacional.

4. O turismo em Portugal

 4.1. A institucionalização do turismo nacional - do liberalismo monárquico ao estadismo republicano

 4.2. A institucionalização do turismo nacional - as políticas do "Estado Novo"

- 4.3. A institucionalização do turismo nacional - um processo em consolidação
- 4.4. Áreas de turismo "tradicional"
- 4.5. As novas áreas de turismo
- 4.6. Áreas de turismo e ordenamento do território
- 4.7. Um futuro para o turismo português

Ensino Prático

- 1. Os indicadores do turismo
- 2. O turismo e planos de ordenamento - políticas e escalas de análise
- 4. A organização das empresas turísticas do Norte de Portugal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BONIFACE, Brian G.; COOPER, Christopher P. - The Geography of travel & tourism, London, Heinemann, 1987

BONIFACE, Priscilla; FOWLER, Peter J. - Heritage and tourism in 'the global village', London, Routledge, 1993

BOTE GOMEZ, Venancio - Turismo en espacio rural, rehabilitación del patrimonio sociocultural y de la economía local, Madrid, Editorial Popular - S.A., 1988

BURKART, A. J.; MEDLIK, S. - Tourism - past, present and future, 2a ed., London, Heinemann, 1981

CASSOU-MOUNAT, Micheline - La vie humaine sur le littoral des Landes de Gascoigne,

Lille -Paris, Thèse de Doctorat d'Etat--Université de Bordeaux III, 1977

CAVACO, Carminda - Geografia e turismo no Algarve. Aspectos Contemporâneos, «Finisterra», Lisboa, Vol. IV, n.º 8, C.E.G., 1969

"- Geografia e turismo: exemplos, problemas e reflexões, «Finisterra», Lisboa, Vol. V, n.º 10, C.E.G., 1970, pp.247-282

"- Montegordo: aglomerado piscatório e de veraneio, «Finisterra», Lisboa, vol. IX, n.º 17, C.E.G., 1974

"- Montegordo: aglomerado piscatório e de veraneio, «Finisterra», Lisboa, vol. IX, n.º 18, C.E.G., 1974

"- Turismo e demografia no Algarve, Lisboa, C.E.G., 1979

"- O turismo em Portugal, aspectos evolutivos e espaciais, «Estudos Italianos em Portugal», Lisboa, n.ºS 40-41-42, 1980

"- A costa do Estoril, esboço geográfico, Lisboa, 2 vol., C.E.G., 1981

"- A costa do Estoril, esboço geográfico, col. Ciência e técnica, Lisboa, n.º6, Editorial Progresso Social e Democracia - SARL, 1983

CAZES, Georges - Le tourisme international, mirage ou stratégie d'avenir?, Paris, Hatier, 1989

"- Les nouvelles colonies de vacances? Le tourisme international à la conquête du Tiers-Monde, «Coll. Tourismes et Sociétés», Paris, Éditions L'Harmattan, 1989.

"- Le tourisme en France, 3^a ed., Paris, col. «Que sais-je?», n° 2147, Presses Universitaires de France, 1989 (1^a ed. 1984)

CUNHA, Lício - Turismo, in Manuela SILVA (org.) - Portugal Contemporâneo, problemas e perspectivas, Oeiras, INA-Instituto Nacional de Administraçao, 1986

DEMERS, Jacques - Le développement touristique, notions et principes, Québec, Ministère du Tourisme, 1987

DUMAZEDIER, Joffre - Vers une civilisation du loisir?, Paris, Seuil, 1962

DUMAZEDIER, J.; RIPERT, A. - Le loisir et la ville, Loisir et culture, Paris, Éditions du Seuil, 1966

FUSTER, Luis Fernandez - Teoria y tecnica del turismo, 4^a ed., Madrid, Editora Nacional, 1974

Geografia do Turismo, "Inforgeo", Lisboa, Associação Portuguesa de Geógrafos, 1993

GOMEZ, Alberto Luis - Aproximación histórica al estudio de la Geografía del ocio. Guía introductoria, Barcelona, Anthropos, 1988

GROLLEAU, Henri - Le tourisme rural dans les 12 Etats membres de la Communauté économique européenne, Commission des Communautés Européennes Direction Générale des Transports (Service du Tourisme), 1987, 141 p.

"- Patrimoine rural & tourisme dans la CEE, Commission des Communautés Européennes - Direction Générale des Transports (Service du Tourisme), 1988, 88 p.

HODGSON, Adèle (ed.) - The travel and tourism industry, strategies for the future, Oxford, Pergamon Press, 1988

HOLLIER, Robert; SUBREMON, Alexandra - Le tourisme dans la communauté européenne, col. «Que Sais-je?», Paris, n° 2505, PUF, 1990

JOHNSON, Peter; THOMAS, Barry - Tourism, museums & the local economy. The economic impact of the North of England open air museum at Beamish, Aldershot, Edward Elgar, 1992

KADT, Emanuel de - Tourisme - Passeport pour le développement?, Washington, UNESCO, 1979

LANQUAR, Robert - L'économie du tourisme, col. «Que sais-je?», 2^a ed., Paris, 2065, P.U.F., 1987

- "- Le tourisme international, 4a ed., Paris, col. «Que sais-je?», n° 1694, Presses Universitaires de France, 1989
- LANQUAR, Robert; HOLLIER, Robert - Le marketing touristique, col. «Que Sais-je?», 3a ed., Paris, 1911, P.U.F., 1989
- LANQUAR, Robert; RAYNOUARD, Yves - Le tourisme social, col. «Que Sais-je?», Paris, 1725, P.U.F., 1978
- LOZATO, Jean-Piere - Géographie du tourisme, Paris, Masson, 1985
- LOZATO-GIOTART, Jean-Pierre - Méditerranée et tourisme, Paris, Masson, 1989
- MARTINS, Luís Paulo Saldanha - Lazer, férias e turismo na organização do espaço no Noroeste de Portugal, Porto, 1993
- OCDE - Politique du tourisme et tourisme international dans les pays membres de l'OCDE, Paris, OCDE, 1989
- OLIVEIRA, J.M. Pereira de - A perspectiva antropológica do turismo, in "III Congresso Nacional de Turismo", Póvoa de Varzim, 1986, pp.43-45
- "- Património ao serviço do turismo, "Cadernos de Geografia", Coimbra, nº11, Instituto de Estudos Geográficos, 1992, pp.87-92
- PEARCE, Douglas - Tourist organizations, Ney York, Harlow, Longman, 1992
- PINA, Paulo - Portugal, o turismo no século XX, Lisboa, Lucidus, 1988.
- PRENTICE, Richard - Tourism and heritage attractions, London, Routledge, 1993
- SAMPAIO, Francisco - O Produto Turístico do Alto Minho, Viana do Castelo, Ed. R.T.A.M., 1991
- SMITH, S.L.T. - Turism analysis. A Hand book, New York, 1989
- WACKERMANN, Gabriel - Le tourisme international, Paris, Armand Colin, 1988
- WILLIAMS, Allan M.; SHAW, Gareth (editores) - Tourism and economic development, western european experiences, London, Pinter Publishers Limited, 1988

GEOGRAFIA LOCATIVA

O programa será entregue oportunamente pelo docente.

GEOGRAFIA DOS TRANSPORTES

O programa será entregue oportunamente pelo docente.

HIDROLOGIA

Docentes: Prof^a Doutora Ana Monteiro (Práticas)

Dr^a Edite Velhas (Teóricas)

Dr^a Carmen Ferreira (Práticas)

TEÓRICAS

1. Introdução à Ciências Hidrológica.

1.1. âmbito e objectivos da Hidrologia.

1.2. Desenvolvimento da Hidrologia científica.

2. Conceitos básicos em Hidrologia.

2.1. Leis e quantidades físicas nos sistemas hidrológicos.

2.2. A bacia hidrográfica.

2.3. O Balanço hidrológico regional.

2.4. Importância da recolha e tratamento da informação hidrometeorológica.

2.4.1. Observações hidrológicas.

2.4.2. Redes hidrológicas.

3. Hidrologia de águas superficiais.

3.1. Processos e factores de escoamento.

3.1.1. Precipitação.

3.1.2. Evaporação e evapotranspiração.

3.1.3. Humidade do solo e água do subsolo.

3.1.4. Água subterrânea.

3.2. Escoamento de superfície.

3.2.1. Medição do escoamento e séries hidrológicas.

3.2.2. Análise do escoamento de superfície: o hidrograma

3.2.3. Conceitos básicos de probabilidade e estatística utilizados na análise de caudais.

3.2.4. Escoamento de superfície em meio urbano e em áreas florestais.

3.2.5. Estudo das cheias.

3.3. Erosão do solo, produção de sedimentos e transporte sólido.

4. Aspectos qualitativos do escoamento superficial.
4.1. Parâmetros físicos, químicos e biológicos de avaliação da qualidade da água.

4.2. Fontes poluentes e impactes.

4.3. Metodologias de monitorização e de avaliação dos efeitos das cargas poluentes nas águas superficiais.

5. Planeamento e gestão de recursos hídricos.

5.1. Modelos de avaliação de recursos hídricos.

5.2. Avaliação, prevenção e mitigação de riscos hidrológicos.

5.3. Estudos de caso.

PRÁTICAS

Realização de trabalhos aplicados versando as temáticas abordadas nas aulas teóricas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BEDIENT, P.; HUBER, W. (1992) - Hidrology and floodplain analysis, 2nd ed. Addison Wesley, New York

BEVEN, K.; CARLING, P. (1989) - Floods. Hidrological, Sedimentological and Geomorphological Implications, J. Wiley & Sons, Chichester

CHOW, Ven Te (1964) - Handbook of applied hydrology. McGraw-Hill, New York

DINGMAN, S. Lawrence (1994) - Physical Hydrology. Prentice-Hall, New Jersey

DUNNE, T.; LEOPOLD, L. (1978) - Water in Environmental Planning. W.E. Freeman & Company, San Francisco

HENRIQUES, A. Gonçalves (1985) - Avaliação dos Recursos Hídricos de Portugal Continental. Contribuição para o Ordenamento do Território. Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, Lisboa.

LENCASTRE, A.; FRANCO, F.M. (1984) - Lições de Hidrologia. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa

MAKSIMOVIC, C. (1991) - New Technologies in Urban Drainage. Elsevier, London

McLAREN, Digby J.; SKINNER, Brian J. (eds.) (1987) - Resources and World Development. John Wiley & Sons, Chichester

QUINTELA, A. Carvalho (1967) - Recursos de Água Superficiais em Portugal Continental, s/ed., Lisboa

CARTOGRAFIA GEOMORFOLÓGICA

Docente: Dr. Carlos Bateira
Dr^a Laura Soares

AULAS TEÓRICAS

1^a PARTE

1. Evolução Epistemológica da Geomorfologia.
 - 1.1. Conceito de Geomorfologia.
 - 1.2. Objectos e métodos de trabalho.
 - 1.3. História da Geomorfologia.
 - 1.4. Evolução da Geomorfologia em Portugal.

2^a PARTE

2. Processos Geomorfológicos.
 - 2.1. Evolução de Vertentes.
 - 2.2. Dinâmica Fluvial.
 - 2.3. Dinâmica Litoral.
 - 2.4. Impactes da intervenção humana nos Processos Geomorfológicos.

3^a PARTE

3. Cartografia Geomorfológica.
 - 3.1. Princípios Gerais.
 - 3.2. A informação de base.
 - 3.3. Legendas Geomorfológicas.
 - 3.4. Cartografia Geomorfológica em Portugal. Apresentação e discussão de alguns exemplos.

4^a PARTE

4. Cartografia Geomorfológica Aplicada.
 - 4.1. Importância da Cartografia Geomorfológica para o Planeamento e Ordenamento do Território.
 - 4.2. Cartografia dos Riscos. Contributo para a prevenção de catástrofes.
 - 4.3. Cartografia dos Recursos Naturais.
 - 4.4. Recursos Paisagísticos. Uma cartografia orientada para a divulgação e conservação.

4.5. Os SIG e a Cartografia Geomorfológica.

AULAS PRÁTICAS

Elaboração de cartografia geomorfológica em áreas a definir, de acordo com o número de alunos.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, A. Campar (1988) - "O concelho de Anadia. Do Cértima ao rebordo montanhoso. Um contributo da geografia Física para o Urbanismo", Coimbra, Cadernos de Geografia, nº7, pp.3-85

BURROUGH, P.A. (1986) - Principles of Geographical Information Systems for Land Resources Assessment, Oxford, Clarendon Press, 194 p.

CHRISTOFOLLETTI, A. (1980) - Geomorfologia, 2^a ed., São Paulo, Edgard Blucher Ed., 188 p.

COQUE, Roger (1977) - Géomorphologie, Paris, Armand Colin, 430 p.

DAVIDSON, Donal (1992) - The Evaluation of Land Resources, 2^a ed., New York, Longman Scientific & Technical, 198 p.

DIAS, Maria Helena (1995) - Os mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da Cartografia, Lisboa, Ed. Cosmos, 344 p.

DOUGLAS, Ian (1983) - The Urban Environment, Londres, Edward Arnold, 229 p.

FERREIRA, A. de Brum; ZÊZERE, J. Luís; RODRIGUES, Maria Luísa (1987) - "Instabilité des versants dans la région au nord de Lisbonne. Essai de cartographie géomorphologique", Lisboa, Finisterra, Vol. XXII, nº44, pp.227-246

FERREIRA, Denise de Brum (1981) - Carte Gémorphologique du Portugal, Lisboa, Memória do CEG, nº6, 53 p. e mapa f.t.

FLAGEOLLET, J.-C. (1989) - les mouvements de terrain et leur prévention, Paris, Masson, 222 p.

GOUDIE, Andrew (1993) - The Human Impact on the Natural Environment, 4^a ed., Oxford, Blackwell Publishers, 454 p.

GRANJA, H.M. (1990) - Repensar a geodinâmica da Zona Costeira: o passado e o presente: que futuro? (O Minho e o Douro Litoral), Dissertação de Doutoramento em Geologia, Univ. do Minho, Braga, 347 p. e anexo cartográfico.

GREGORY, K.J.; WALLING, D.E. (1973) - Drainage Basin. Form and process. A geomorphologic approach, Londres, Edward Arnold, 458 p.

MAGUIRE, David J.; GOODCHILD, Michael F.; RHIND, David W. (1991) - Geographical Information Systems, New York, Longman Scientific & Technical, 2 vol.

MARTINEZ DE PISÓN, E.; TELLO, Blanca (1986) - Atlas de Geomorfología, Madrid, Alianza ED. S.A., 365 p.

MITCHELL, C. (1991) - Terrain Evaluation, 2^a ed., New York, Longam Scientific & Technical, 441 p.

PANIZZA, M. (1990) - Geomorfologia Applicata, Roma, La Nuova Italia Scientifica, 342 p.

PORTUGAL, J. Marini (1992) - Introdução às tecnologias de levantamento da informação geográfica física, Lisboa, 171 p.

REBELO, Fernando (1992) - "A Geografia Física em Portugal no século XX", Col. sobre História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal no Séc. XX, Lisboa, Publ. do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, pp. 1553-1585

"(1990) - "Geografia Física e Ambiente. Temas e problemas. Alguns casos concretos escolhidos em Portugal", Coimbra, Cadernos de Geografia, nº9, pp.85-95

REBELO, Fernando; CUNHA, Lucio; ALMEIDA, A. Campar (1990) - "Contribuição da Geografia Física para a inventariação das potencialidades turísticas do Baixo Mondego", Coimbra, Cadernos de Geografia, nº9, pp.3-34

REYNAUD, A. (1971) - Épistémologie de la Géomorphologie, Paris, Masson Ed., 125p.

RODRIGUES, Maria Luísa (1988) - As depressões de Minde e Alvados. Depósitos e Evolução Quaternária de Vertentes, Lisboa, Dissertação de Metrado em Geografia Física e Regional, Fac. de Letras da Univ. de Lisboa, 208 p. e 3 mapas f.t.

RODRIGUES, Maria Luísa; PEREIRA, Ana Ramos (1995) - "Impactes no território. O caso do sector montante das nascentes do rio Lena (Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros-PNSAC)", Lisboa, Inforgeo, nº9/10, pp.55-62

SMITH, Keith (1992) - Environmental Hazards. Assessing Risk and Reducing Disaster, Londres, Routledge, 324 p.

TRICART, Jean (1968) - Précis de Géomorphologie, Tomo I, Paris, SEDES, 322 p.

TRICART, Jean; RIMBERT, S.; LUTZ, G. (1970) - Introduction à l'utilisation des photographies aériennes, Paris, SEDES, 247 p.

VERSTAPPEN, H. (1983)-Applied Geomorphology. Geomorphological surveys for environmental development, Amsterdam, Elsevier, 433 p.

ZÊZERE, J.L. (1988) - As costeiras a norte de Lisboa. Dinâmica de vertentes e Cartografia Geomorfológica, Dissertação de Mestrado em Geografia Física e Regional, Fac. de Letras da Univ. de Lisboa, 202 p. e 4 mapas f.t.

ZÊZERE, J.L.; RODRIGUES, Maria Luísa (1991) - "Estudo e prevenção de riscos naturais. O contributo da Geografia Física", Lisboa, Actas do 1º Congresso da Geografia Portuguesa, pp. 443-455

ÍNDICE

Geografia Humana de Portugal	1
Geografia Física de Portugal	3
Geografia Económica e Social	9
Antropologia Social e Cultural	11
Introdução às Ciências da Educação	14
Opções	
Sociologia Rural e Urbana	1
Climatologia	3
Geografia Urbana	5
Geografia do Turismo	7
Geografia Locativa	11
Geografia dos Transportes	12
Hidrologia	13
Cartografia Geomorfológica	15